

NOVOS RUMOS

ANO V — Rio de Janeiro, 29 de fevereiro a 3 de março de 1964 — Nº 261

Mobilização Das Massas Para Garantir Êxito da Frente Progressista

Leia Editorial na 2a. página

Provocação de Belo Horizonte Mostra Crueldade da Reação

A brutal provocação política de terça-feira, em Belo Horizonte, adverte mais uma vez a nação para o que há de desumano e criminoso na obstinação medieval com que as forças da reação procuram impedir ao povo brasileiro a conquista das reformas de base e o exercício das liberdades democráticas mais elementares.

O que houve em Belo Horizonte foi uma monstruosa tentativa de massacre e assassinato em massa, uma típica "razia" nazista que só não chegou às últimas consequências devido à firmeza com que as forças nacionalistas e as massas populares reagiram e, afinal, se impuseram. Tendo à frente um caricato e abjeto candidato a fuehrer — Sílvio Heck, o golpista de 1961 —, um bando de badrneiros, apoiado pelas pregações dos "bacharéis da UDN", os Pedro Aleixo e Bilac Pinto, e das raposas do PSD, os Alkimim e Armando Falcão, investiu contra uma concentração democrática, convocada para o debate dos grandes problemas nacionais de nossos dias e para a defesa das reformas de base. Como se estivéssemos nos sombrios tempos da Inquisição, alguns padres se prestaram ao ignominioso papel de mentes espirituais do crime, transformando a cruz de Cristo

em arma da crueldade e do ódio contra o povo. Por trás de tudo, estão os barões da terra, senhores feudais que oprimem milhares e milhares de camponeses, e os monopólios estrangeiros que saqueiam as riquezas naturais de Minas, levando-nos o ouro e o manganês e nos deixando os buracos na terra e a miséria entre o povo. Esses hediondos interesses, anti-sociais e anti-nacionais, não admitem que os seus privilégios sejam tocados. Isto é, não admitem que conquistemos o progresso e a verdadeira emancipação nacional.

A provocação de Belo Horizonte, armada para banhar em sangue o povo mineiro e assassinar covardemente os parlamentares nacionalistas e líderes sindicais presentes ao comício, encontrou a resposta que os seus autores não esperavam: a manifestação foi realizada. Mais do que isso, os patriotas e democratas mineiros mostraram à toda a Nação, sem nenhum disfarce, a face hedionda, de perseguidores medievais, que se esconde por baixo dos cinicos trejeitos dos Bilac, Aleixo, Falcão e Alkimim. (Materia na 3.ª página).

Padre-Gorila Tinha Metralhadora Escondida na Batina

A polícia de Belo Horizonte apreendeu duas metralhadoras durante os acontecimentos de terça-feira na capital mineira. Segundo órgãos e emissoras a serviço do latifúndio, estas armas pertenciam aos deputados nacionalistas que participaram da manifestação pelas reformas.

Quarta-feira, entretanto, a verdade veio a furo. As duas metralhadoras foram tomadas dos badrneiros: uma estava no posse do general Bragança, badrão e fascista conhecido. A outra — bem a outra foi encontrada debaixo da batina do padre João Botelho.

A revelação provocou estupefação e indignação na capital mineira, notadamente entre setores da própria Igreja, vezados com a participação do reverendo Botelho

na baderna e preocupados com a repercussão que o fato está tendo.

Apurou-se também em Belo Horizonte outra façanha do padre Botelho. O piedoso reverendo levou 22 velhinhas asiladas da Fundação São Vicente de Paula, no bairro de Lucas, para rezarem o terço no palco do auditório da Secretaria de Saúde. Estas pobres mulheres, que deviam ter os seus derradeiros dias respeitados, foram iludidas e vítimas da caridade cristã do reverendo Botelho: para desempenharem o papel que o padre-gorila lhes reservara, ganharam dois mil cruzeiros e um quilo de mantimentos, cada uma.

PN Explicar Decreto às Mulheres

Sob os auspícios da Liga Feminina do Estado da Guanabara o sr. João Pinheiro Neto pronunciará na sede do Sindicato dos Bancários (Av. Pres. Vargas, 502, 21.º andar) uma palestra-debate, com o tema de «O decreto da SUPRA e a Reforma Agrária». Para a conferência, a ser realizada sexta-feira, dia 28, a Liga Feminina está convidando as mulheres cariocas e o povo em geral.

Prestes Fala de Seu Encontro Com Kruschiov

Acabando de regressar de uma viagem à União Soviética, República Democrática Alemã e Tchecoslováquia, o camarada Luiz Carlos Prestes concedeu entrevista a NOVOS RUMOS, na qual relata algumas observações que fez naqueles países.

Os problemas da conjuntura internacional são tratados por Prestes na entrevista, que revela também aspectos interessantes das palestras mantidas pelo dirigente comunista brasileiro com os camaradas Nikita Kruschiov, Walter Ulbricht e Antonin Novotny, respectivamente primeiro ministro da URSS e presidentes da República Democrática Alemã e da

Tchecoslováquia. Assinala Prestes o interesse particular que existe hoje naqueles países sobre as coisas do Brasil, assim como os aplausos gerais à política externa que vem sendo conduzida pelo governo do sr. João Goulart.

Depois de referir-se às divergências que existem no movimento comunista mundial, Prestes conclui a entrevista desmentindo categoricamente a provocação da imprensa reacionária a respeito da possível aprovação de Kruschiov à legalidade do Partido Comunista. Reportagem na 8.ª página. Na foto ao alto, Prestes e sua esposa ao chegarem ao aeroporto de Berlim.

Lucros e Perdas da Instrução 263

A publicação da Instrução 263 da SUMOC vem atraindo a atenção da opinião pública e sobre ela têm sido divulgados pela imprensa diferentes pronunciamentos. Inegavelmente, a coincidência do aparecimento da Instrução 263 com a publicação e discussão do programa da frente progressista, no qual há um item dedicado ao problema cambial, torna maior o interesse em torno das inovações cambiais introduzidas. A propósito do assunto, publicamos na 5.ª página desta edição uma nota do nosso companheiro Josué Almeida, em substituição à Nota Econômica, onde os leitores encontrarão extensa análise da Instrução 263, o que ela contém de benefícios e de desvantagens para o País, as omissões que encerra, enfim, os lucros e perdas da Instrução.

CPOS aprova programa de mobilização do povo

Trabalhadores da Guanabara Intensificam Preparativos Para o Comício do Dia 13

A Comissão Permanente das Organizações Sindicais está mobilizada e mobilizando todos os sindicatos cariocas para garantir que no dia 13 de março a Guanabara vá ao comício. Dia 13 será o dia de ouvir os sindicatos e Jango, e de mais nada. Tudo na segunda sexta-feira de março vai girar em torno do mitingue da Central. Para isso estão sendo preparados milhões de volantes, estão sendo organizados passeatas e comícios preliminares e preparatórios à manifestação.

Todos os sindicatos da Guanabara estão inte-

grados na batalha para levar o povo à Central. Serão realizados encontros nas portas de fábricas e nos bairros, assim como comícios, assembleias sindicais e comandos para a distribuição de volantes. Na tarde do dia 13, de acordo com o programa preparado a população carioca vai encontrar-se em sete pontos previamente fixados, partindo em grandes passeatas para o local da manifestação, à qual deverão afluír também delegações de outros Estados tais como São Paulo e Estado do Rio, que deverão chegar em caravanas motorizadas. Reportagem na 3.ª página.

CINCO UISQUES HONESTOS CONDUZEM GORDON A CAMINHOS PERIGOSOS

Cinco doses de um uísque honesto — e portanto escocês — foram responsáveis por um episódio inédito na imprensa carioca. Quem serviu o precioso néctar foi o embaixador Lincoln Gordon, na última quinta-feira, durante uma visita ao sr. João Goulart, sob o pretexto de levar a Jango uma carta da sra. Jacqueline Kennedy. Na página 3, em «Fora de Rumo» o leitor verá como o embaixador Gordon, pouco firme dos olhos e das pernas, errou o caminho de saída do Palácio das Laranjeiras e embarafustou pelo único lugar que deveria evitar naquela oportunidade e naquelas circunstâncias: a Sala de Imprensa. Lá, ele abriu o bico. Loquaz, usando uma correteira carioca, disse que falara ao nosso presidente sobre a compra das concessionárias, única condição para o reescalonamento das dívidas. Depois, o sr. Gordon tomou um banho e foi logo expedido um desmentido a declarações que ainda não haviam sido divulgadas.

Mobilização Das Massas Para Garantir Exito da Frente Progressista

As forças patrióticas e progressistas orientam-se, em sua ação política, no quadro atual da realidade brasileira, por um objetivo essencial, que já se converteu numa necessidade imperiosa para o País: a adoção de um novo curso do nosso desenvolvimento econômico e político. A dolorosa experiência das últimas décadas, em particular dos dois anos e meio percorridos pelo governo do presidente João Goulart, mostra que a orientação política até hoje adotada — variando em certos aspectos, mas fundamentalmente a mesma — nenhuma solução positiva e eficaz pode oferecer para os problemas da Nação e do povo. Ao contrário: essa política, baseada na dependência aos interesses aqui implantados pelos espulsores imperialistas e na preservação de privilégios arcaicos como o monopólio da terra, só resultou e só pode resultar em atraso e pobreza, doenças e sofrimentos para a esmagadora maioria do nosso povo. Prosseguir nessa política, ou conciliar com as forças reacionárias que, mediante a violência ou as artimanhas, tentam perpetuá-la, é prosseguir fazendo o jogo dos saqueadores do País e esfomeadores do povo.

O rompimento com essa política antinacional e antipopular, afastando-se do poder os seus representantes, e sua substituição por uma nova política, inspirada verdadeiramente nos interesses do povo brasileiro, é uma necessidade imperiosa. De outro modo, não só não serão resolvidos os angustiantes problemas do País, mas será inevitável o seu agravamento — e, agora, num ritmo tão veloz que reduzirá a nada qualquer dessas conhecidas receitas "salvadoras".

A consciência de que se impõe essa mudança de rumos explica o interesse com que as forças nacionalistas e democráticas participam dos entendimentos políticos, ora em curso, visando à formação de uma frente progressista com um programa pelo qual se oriente a ação do Governo. Os trabalhadores e demais forças patrióticas que desejam a efetivação das reformas de base empenham-se no sentido de que esses entendimentos alcancem o seu justo objetivo.

Foi amplamente divulgada a segunda versão do documento que deve constituir-se na base programática mínima da frente progressista. Vários pontos nele incluídos merecem, naturalmente, a aprovação das correntes

nacionalistas. Entretanto, revela-se ainda nesse projeto de programa uma atitude política em muitos aspectos dubia e conciliadora, como se partisse os seus elaboradores não da idéia de fixar, com clareza e objetividade, os seus objetivos de uma nova política, mas a idéia de preservar os vínculos com as minorias retrógradas que, como a cúpula reacionária do PSD, são precisamente as responsáveis pela situação atual do País. Uma frente que se propõe a realizar as reformas de base e oferecer à Nação um novo rumo político, progressista e independente, facilmente se transformaria num malogro se se subordinasse ao falas apolo de forças sociais e políticas que somente sobrevivem graças aos odiosos privilégios cuja supressão é a própria razão de ser das reformas.

Contribuir para que se estruture a frente progressista, sobre a base de um programa que formule com precisão os pontos essenciais de uma nova política e possa aglutinar todos os brasileiros que aspiram ao progresso social, à emancipação e à democracia, é um dever que as correntes nacionalistas e democráticas assumem diante do povo e a que não poderiam recusar-se. O espaço aberto por uma eventual omissão ou recusa, seria naturalmente ocupado pelos que, inclusive através das artimanhas, procuram a todo custo conservar os seus privilégios entreguistas e reacionários e torpedear as reformas de estrutura.

Instituímos, por isso mesmo, na necessidade de que se torne cada vez mais sólida a unidade das forças nacionalistas e populares. A envergadura e a solidez dessa unidade representam uma condição básica para que os acontecimentos se desenvolvam no sentido favorável à causa do povo. Quanto mais firme for essa unidade, maiores, naturalmente, serão as possibilidades de êxito para a mobilização das grandes massas — que terá um ponto alto no comício do dia 13 de março, na Central — e para que estas possam influir decisivamente no processo político. Essa é uma das mais preciosas experiências de nossa vida política nos últimos anos.

A unidade das forças progressistas e a ampla e vigorosa mobilização popular são os fatores que podem conduzir ao êxito as perspectivas que hoje se abrem no caminho para a conquista de um governo nacionalista e democrático.

Aritmética da 'Sadia'

Não estivemos em Uruguai nem de lá recebemos correspondência sobre o comício ali feito por Carlos Lacerda.

Não deixa de ser divertido, entretanto, acompanhar a imprensa "sadia" na cobertura da pregação lacerdista no Sul. Segundo "O Globo", 20 mil pessoas estiveram presentes ao comício. Apurando os computadores, o "Estado de São Paulo" contou 5 mil assistentes. Com um pouco mais de ri-

gor, o "Jornal do Brasil" apurou a presença de 2 mil pessoas.

Vemos, assim, que os 20 mil lacerdistas de "O Globo" reduziram aos 2 mil do "Jornal do Brasil". Poder-se-ia admitir que a revisão do JB engolisse um ser. Mas aparecem ali os 5 mil do "Estado de São Paulo" — naturalmente mais próximos dos 2 do que dos 20.

E como são todos pró-lacerdistas, a verdade deve estar num número ainda abaixo do admitido pela Condessa.

Crime Confessado

O apátrida Carlos Lacerda teve o deslante de confessar, num desses seus arroubos mais de insanidade do que de valentia, que foi sua, realmente, a ordem dada à polícia carioca para invadir a "Editora Americana" e apreender a cartilha "Viver é Lutar", que aquela empresa estava imprimindo para o Movimento de Educação de Base, da Conferência dos Bispos do Brasil.

Chegará a ser inconcebível, se a figura central em tudo isso não fosse um fascista e psicopata como Carlos Lacerda. Então um governador de Estado confessa, com a maior sem-cerimônia, que é pessoalmente sua a autoria de um crime contra a Constituição — é tudo continua no mesmo... Ou será que o apátrida do Guanabara, em seus sonhos de paranóico, já se imagina senhor absoluto do Poder em nosso País — tão absoluto que pode impunemente fazer da Constituição o que quer?

A opinião democrática do País — esteja ou não de acordo com a cartilha da Conferência dos Bispos — se enche da mais legítima indignação diante do afrontoso desfile de atentados e violências que se vem verificando na Guanabara.

O problema não diz respeito apenas à opinião pública, mas também ao governo federal, responsável por fazer com que seja respeitada e cumprida a Constituição em todo o País.

O crime foi cometido. E seu autor é confesso.

Para os jornalistas e inesperado aparecimento do embaixador foi uma surpresa agradável. Formou-se um cerco em torno do sr. Gordon e começou o bombardeio de perguntas. O embaixador estava loquaz. Contou que discutira com o presidente o encasnelamento do pagamento das dívidas. E explicou, usando franqueza pouco diplomática: "O Jango comigo está mais por baixo. Só haverá escalonamento se o Brasil comprar as concessionárias. A mim o Jango não engana. Eu estou sempre de olho aberto."

O português do embaixador, ótimo para um americano, estava mais fluente do que nunca. A gíria era impecável. Desvenchilhando-se dos jornalistas, sempre com excelente humor, o sr. Gordon foi conduzido por mãos seguras à saída do Palácio e tomou seu carro.

Houve então a correria da reportagem. Uns telefonaram para as redações. Outros correram para os jornais com a bomba do ano, com as declarações fenomenais. Enquanto isso, o embaixador tomava um banho quente e mudava de atitude, como o escalonamento de dupla personalidade. Recordada a personalidade diplomática do sr. Gordon, o serviço de imprensa da embaixada pôs-se em movimento e expediu desmentido das declarações que só no dia seguinte iriam ser publicadas. Na versão oficial do encontro dos cinco usqueos o embaixador afirmou que por sinal nem lê a carta da sra. Jacqueline. Mas essa carta havia sido distribuída em "fac-símile" aos jornais, pela embaixada. Como o sr. Duehring, reformador do socialismo alemão, o sr. Gordon admite a deformação dos fatos "no interesse da plena verdade".

Quinta-feira da semana passada houve um episódio virgem na história do jornalismo carioca. Os jornais publicaram a retificação de uma notícia que ainda não havia sido divulgada. O caso, embora original é simples. O embaixador Lincoln Gordon foi ao Palácio das Laranjeiras, oficialmente como portador de uma carta da sra. Jacqueline Kennedy ao sr. João Goulart. A temperatura estava em fase de mutação. Criamos de um calor de rachar e entrávamos em dia de chuparada grossa, dessas que contrariam o governador e alagam as ruas. Era natural que recebendo a carta das mãos de tão ilustre estafeta, o presidente da República o acolhesse de acordo com o protocolo. E a etiqueta, nesses casos, determina que se sirva usque, escossês ou nacional.

No Laranjeiras foi servido ao sr. Gordon usque escossês. O portador e o destinatário da carta da sra. Jacqueline Kennedy passaram a conversar, num ambiente de cordialidade progressivo. Ao quinto usque o embaixador estava eufórico. O presidente, no entanto, mantinha-se flegmático. Os gaúchos não são habituados a tomar apenas chimarrão.

Ora, ninguém toma cinco usque enquanto o Diabo e treva um olho. É admitível que o presidente e o embaixador tenham conversado um bom pedaço de tempo. Que assuntos teriam abordado? Ai começa a especulação em busca da verdade. O que se sabe ao certo, além do número de usqueos ingeridos, é que o embaixador, ao deixar o gabinete do presidente, não acertou com a saída do Palácio. Confundiu as coordenadas e entrou onde menos devia entrar: na Sala de Imprensa.

Provoação de BH Mostra Crueldade da Reação

Um grupo de fascistas liderados por conhecidos representantes da Ação Integralista Brasileira e por elementos ligados ao IBAD, e instigados pelos deputados Althos Vieira de Andrade (de um sêmbro negro de solares), Abel Rafael Pinto, Valdomiro Lobo, Anibal Teixeira e José Maria Magalhães, foi presidente da Federação das Associações Rurais de Minas Gerais, sr. José Maria Macêdo, tentou impedir a realização de um comício pró-reformas de base, no auditório da Secretaria de Saúde, em Belo Horizonte, antontem, dia 13.

Embora tivesse expedido uma nota pública garantindo a realização do comício, o governo estadual de Minas não impediu que a sua polícia vedasse, durante quatro horas seguidas, a entrada do povo no recinto do auditório, e facilitasse de todos os modos a ação dos elementos terroristas — em número de cerca de 150 — que haviam ido ao local a fim de tumultuar e impedir o comício, por meio de provoação.

Apesar disso tudo, todavia, o comício foi feito, tendo falado os deputados Leonel Brizola, Almino Afonso, Paulo de Tarso, Neiva Moreira e Múcio de Ataide, além do padre Alípio de Freitas. O comício só se dissolveu quando a polícia, para acabar o conflito entre o povo presente e os elementos do grupo terrorista, jogou três bombas "de efeito moral" no recinto. A afluência popular ao comício se mostrou nas filas que se formaram para entrar no prédio da Secretaria, as quais foram desfeitas pela cavalaria da Polícia Militar, a golpes de espada.

Posição da Polícia

O governo estadual, em nota distribuída à tarde pelo Secretário de Segurança, sr. José Monteiro de Castro, garantiu a realização do comício, alegando o seu dispositivo policial: recusar assim a proposta do sr. Abelardo Jurama, ministro da Justiça, e nem examina-la uma proposta igual do general Carlos Luis Guedes, comandante da infantaria divisionária da Quarta Divisão e da Guarnição de Belo Horizonte.

A ação terrorista foi permitida e inclusive já se preparava dentro do auditório da Secretaria de Saúde e Assistência na hora de ser iniciada a reunião. A polícia lutou durante quatro horas contra o povo nas imediações do prédio, impedindo-o de entrar no recinto e agindo de acordo com método aprendido nos EUA, para onde vão frequentemente oficiais da Polícia Militar e Civil e do Departamento de Vigilância Social.

Até jornalistas foram impedidos de entrar na Secretaria, e todo o pessoal que conseguiu entrar esteve sujeito a rigorosa e humilhante revista pelos policiais que não respeitavam

as mínimas regras de boa educação. O deputado Marco Antônio Coelho, só escapou à revista por ter apresentado sua carteira de parlamentar.

Comandaram os policiais dois conhecidos homens da reação: o sr. Fábio Bandeira de Figueiredo, diretor do Departamento de Vigilância Social, antigo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), e o Coronel José Ferreira da Silva, chefe do Policiamento Ostensivo da PM. O primeiro não foi substituído quando o DOPS passou a chamar-se DVS, depois da última reforma administrativa do Estado, quando se anunciou a sua extinção, nem os policiais que sempre prestaram serviço ao DOPS. O segundo é o mesmo que, quando da preparação do Congresso da União Sindical dos Trabalhadores da América Latina, declarou que possuía dois mil homens para massacrar os congressistas, caso o Congresso fosse realizado, o que foi denunciado por NOVOS RUMOS.

A polícia, dirigida por esses elementos, facilitou a ação dos provocadores, encabeçados por conhecidos membros do fascismo nacional, entre eles o deputado federal Abel Rafael Pinto, que teve participação ativa no movimento, inclusive dando ordens aos policiais.

Os fascistas haviam realizado, um dia antes, no mesmo local, uma concentração contra a presença dos deputados nacionalistas em Belo Horizonte e contra a legalização do Partido Comunista Brasileiro. Presente esteve, inclusive, o almirante Silvio Heck, tendo no encontro o grupo fascista pregado a violência contra a manifestação popular de terça-feira. Marginais e arruaceiros foram contratados para entrar em choque com as forças populares, como de fato aconteceu com uma caravana de trabalhadores favorecidos na rua Curitiba, ao lado do Mercado, que foi recebida a pedradas. Nenhum desses arruaceiros, no entanto, preso pela polícia, nem mesmo pelo Departamento de Vigilância Social, que prendeu inúmeros elementos conhecidos das forças populares.

A direita pôde, assim, agir como quis dentro e fora da Secretaria de Saúde e Assistência, não sendo importunada pela polícia, que inclusive cortou todas as comunicações telefônicas do prédio.

As provoções da direita atenderam a um plano de sequestração para facilitar a conquista das reformas de base, cuja campanha ganha intensidade em Minas Gerais. Desesperados, caíram no terrorismo, fazendo toda sorte de ameaças na tentativa de frear as liberdades democráticas. Antes da concentração, ameaças fizeram inúmeras vezes procurando inclusive pressionar o Governo para que impedisse a realização da reunião, porém, e por isso con-

centram-se desde as 14 horas de terça-feira na Secretaria de Saúde e Assistência. Usaram inclusive de atos para explorar o sentimento religioso do povo num espetáculo chocante e deprimente. Um dia antes, os fascistas tentaram fazer recuar o Governo através dos insultos conhecidos, chegando a pedir a demissão do governador numa concentração típica da direita, semelhante às realizadas pelo hitlerismo.

Nas ameaças e provoções tiveram participação importante, como sempre, os "Diários e Emissoras Associadas", que, no dia da concentração popular pelas reformas de base, através

do rádio Guanani "Irradiaram" os acontecimentos procurando alarmar a população com divulgação de notícias falsas sobre a existência de bombas e dinamite no auditório e a necessidade de ambulâncias para transportar feridos. Os responsáveis por essa cobertura foram os radialistas Abel Ziller e Valdomiro Lobo, este também deputado estadual pelo PTB, ambos conhecidos carteristas dentro dos Associados. (A Guanani não transmitiu as palavras dos oradores populares, mas entrevistou os fascistas).

Os fascistas foram liderados por conhecidos representantes da Ação Integralista Brasileira e por elementos ligados ao IBAD e a todas as organizações que batalham contra os interesses do povo brasileiro. Tiveram participação ativa nos acontecimentos os deputados Althos Vieira de Andrade, Abel Rafael Pinto, Valdomiro Lobo, Anibal Teixeira e José Maria Magalhães, além do sr. José Macêdo, presidente da FARMG, e o sr. Orlando Barros Filho, lacerdista conhecido.

Não conseguiram impedir, no entanto, a presença de mais de 15 mil pessoas em frente à Secretaria de Saúde e Assistência, que foram a concentração dar apoio às reformas de base.

com um cortejo de isolamento formado por 80 homens, disciplinados a entrar na Secretaria, enquanto do lado de dentro os investigadores da Guarda Civil controlavam os ânimos.

Cinco minutos depois, quando seis beatas lideradas pelo padre Caio de Castro, de Diamantina, rezavam na mesa do palco, onde deveriam ficar os participantes do comício, o sr. José Maria Rabelo, diretor do jornal popular "Binômio", subiu ao palco e, aos gritos, tentou acabar com a farsa. Foi quando uma beata jogou uma cadeira contra ele, iniciando o quebra-quebra dentro do auditório. Na mesma hora, assistentes de ambas as alas, contra e a favor do comício, subiram ao palco, atirando cadeiras e mesas uns contra os outros. Durante os dez minutos de duração do quebra-quebra, participaram dele não só pessoas que estavam no palco, mas também as que estavam na plateia.

Inúmeras pessoas saíram felicitadas. Soldados da PM assistiram à pancadaria no auditório encostados à parede. Não intervieram, só fazendo no final, quando atiraram três bombas de efeito moral, conseguindo assim, dominar a situação. Com o auditório coberto por uma nuvem de fumaça provocada pelas bombas e o povo querendo sair a força da sala, novas pancadarias ocorreram, quando a polícia fechou a porta e só permitiu a entrada dos soldados. Novas bombas de gás provocaram pânico, sendo arremessadas duas portas laterais do auditório. A polícia não pôde impedir, assim, a saída da sala, e o saqueio da Secretaria foi transformado em praça de guerra, com gritos, empurrões e proceções por todo o lado.

Sem conseguir entrar no auditório, que estava tomado pela fumaça de gás, a comitiva do sr. Leonel Brizola chegou à Secretaria às 21.45 hs, tendo havido discussão entre o deputado e o comandante da PM à porta da Secretaria. No saqueio, impossibilitado de entrar no auditório, Brizola discursou na escada principal da Secretaria.

Falaram depois dele os deputados Almino Afonso, Paulo de Tarso, Neiva Moreira, o padre Alípio e o deputado Múcio Ataide.

As 21.10 hs, a comitiva do sr. Leonel Brizola foi levada para o gabinete do Secretário de Saúde, de onde saiu minutos depois, pela porta principal, aclamada pelo povo.

Os Acontecimentos

Um violento conflito que teve a participação de 900 policiais da PM, DOPS, Guarda Civil e Rádio Patrulha, e de mais de 4 mil pessoas, durante quase 4 horas, das 19.30 horas às 23 horas, dentro e fora do auditório da Secretaria de Saúde e Assistência, resultando em mais de 30 feridos, dificultou a realização do comício pelas reformas de base, organizado pela Frente de Mobilização Popular.

Depois de cercada a Secretaria de Saúde, às 19.30 horas, por um total de 900 policiais, a maioria composta de tropas do BG e do DI, foi aberta a porta para que pudessem entrar as primeiras pessoas no auditório.

Os investigadores, formados em fila indiana, revistavam as pessoas que entravam no salão.

Enquanto isso, na rua, verificavam-se choques com a polícia militar. O bando de desordeiros reagiu atirando pedras, principalmente contra os que se encontravam perto do cordão de isolamento e carregavam cartazes saudando os oradores do comício. O bando agressor era composto de 300 desordeiros, contratados pelos fascistas para impedir a realização do comício. A polícia revidava a golpes de cassetetes e espadas, sendo feridos da reftrega mais de 30 pessoas, 20 das quais se medicaram no Pronto Socorro. O deputado Sival Balmir levou uma paulada na nuca quando passava pelo cordão de isolamento colocado em volta da Secretaria, permanecendo em estado de observação. O vereador Lima Ferriz, também do PTB, levou um soco do indivíduo Antônio Américo, quase caindo ao chão, enquanto outros fascistas completavam a agressão, praticada na presença do vice-governador Clóvis Salgado e do secretário José Monteiro de Castro.

As 19.45 horas encontravam-se no saguão da Secretaria todos os participantes da reação contra o comício, comandados pelo deputado Abel Rafael. Logo depois chegava o secretário José Monteiro de Castro acompanhado dos delegados Alvício Arantes e Fábio Bandeira. Depois de uma reunião numa sala anexa, o sr. José Monteiro de Castro foi para o saguão da Secretaria, onde estavam os senhores José Macêdo e Abel Rafael. Pedindo ao secretário que não autorizasse o comício, o deputado e o presidente da FARMG disseram ao sr. José

CPOS Prepara Guanabara Para o Comício

Os trabalhadores da Guanabara preparam-se para o grande comício do próximo dia 13, que foi convocado pela CPOS e contará com a presença do Presidente da República. A concentração, que constituirá importante acontecimento político, deverá resultar da maior mobilização popular já assistida pelo povo carioca, calculando-se em duzentos mil o número de pessoas que exigirão as reformas de base em grande área que vai da Central do Brasil ao Ministério das Relações Exteriores.

CPOS Organiza

O êxito do comício, que deverá ultrapassar em muito o anterior, realizado na Cinelândia, está totalmente assegurado por dois fatores: a participação crescente dos trabalhadores nas decisões políticas e um esquema de organização capaz de mobilizar cada operário em sua fábrica e em seu sindicato. Esses dois fatores, hoje, a menos de 15 dias da data do comício já estão atuando fortemente, com a intensa movimentação da CPOS e dos dirigentes sindicais do Estado da Guanabara e de todo o país.

Reunidos na noite do dia 25, os integrantes da CPOS elaboraram um plano de ação, a fim de transformar o dia 13 de março no Rio de Janeiro, dia do comício, em fato central da atenção de toda a população carioca e preocupada com a situação da classe trabalhadora.

A primeira providência adotada foi a convocação de centenas de comícios preliminares, a serem realizados todos os dias nas portas de fábricas e em localidades de grande afluência popular. Porém, essa convocação da CPOS não ficou apenas em apelo; foi estabelecida uma

quota certa de manifestações para cada sindicato. Assim, cada entidade deverá realizar dez comícios nas portas das principais fábricas do Estado, além de assembleias gerais de seus associados para discutir unicamente a participação da classe na manifestação do dia 13.

Segundo o plano estabelecido pela CPOS, as entidades sindicais deverão ainda realizar uma intensa mobilização junto aos seus associados, indo aos locais de trabalho e entregando as convocatórias e o material de propaganda aos delegados sindicais para que divulguem e organizem o comício desde a oficina de trabalho até à praça da Central.

Passeatas

Além das convocatórias que vêm sendo publicadas em todos os jornais, assinadas pelo CGT, CNTI, UNE e demais entidades populares que solidarizaram-se com a iniciativa da CPOS, serão também distribuídos milhares de panfletos e volantes, que já podem ser apanhados na sede do Sindicato dos Têxteis, à rua Camerino, 65.

Durante os primeiros dias de março e, até dia 13, as ruas do Estado da Guanabara serão inundadas de volantes. A organização do comício está de tal modo azelada que o carioca não irá ao comício, o comício é que virá ao carioca. De cada sindicato, de cada organização popular e de todas as empresas de trabalho sairá uma passeatimirm, dezenas das quais vão formar o que a CPOS chama de passeata mesmo, e que serão 7, partindo de todos os pontos do Estado.

Da esquina da Rua Uruguiana com a Avenida Presidente Vargas sairão

os trabalhadores do centro da cidade e ainda os bancários, securitários, comerciários e trabalhadores em petróleo. Outro ponto de encontro será a Praça 15, para onde afluirão os funcionários do Lóide, operários navais e a delegação de trabalhadores da capital fluminense. Em frente ao Sindicato dos Rodoviários irão se concentrar todos os trabalhadores da Orla Marítima e ainda eletricitistas, marceneiros, os próprios rodoviários e ainda os empregados em frios e moínhos. Do Arsenal de Marinha sairá a passeata dos servidores públicos e autônomos, enquanto que a Praça da Bandeira vai agrupar metalúrgicos, têxteis e trabalhadores em bebidas e fumo. Finalmente, as duas últimas concentrações serão realizadas na vizinhança das estações ferroviárias. Na Praça 11 vão encontrar-se os trabalhadores da Central do Brasil e também os hoteleiros, sapateiros e padeiros, enquanto que diante da estação da Leopoldina estarão os trabalhadores da zona industrial de São Cristóvão e os operários da ferrovia.

O plano de mobilização não fica só nisso; inclui também várias caravanas de ônibus que condizirão milhares de trabalhadores da região industrial Caxias-Magé, onde se encontram a FNM e a Refinaria Duque de Caxias. Por outro lado os subúrbios da Central e da Leopoldina serão transportados pelos chamados "trens das reformas", devendo haver três composições especiais na linha, da Central e uma na Leopoldina.

Comícios Para o Comício

Passeatas, concentrações e tudo o mais fazem parte do esquema imediato para

uma manifestação. Nesse sentido, já estão programados vários mitings para a zona dos subúrbios cariocas. Comitivas de deputados, líderes sindicais populares visitarão nos dias que antecedem a sexta-feira 13 os conjuntos residenciais de Padre Miguel, a Penha, Realengo, Del Castilho, Areal, Itrajá, Senador Caramá, Campinho e Jacarepaguá.

Depois dessa preparação nos bairros e nos locais de trabalho, os sindicatos vão realizar, ainda no dia 12, vinte e quatro horas antes da manifestação, uma grandiosa passeata motorizada que percorrerá as principais artérias da cidade, numa última convocatória, esclarecendo mais uma vez a localização dos pontos de encontro.

O Que é o Comício

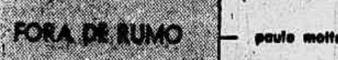
Todo esse aparato popular, organizado, acertado, esquematizado, enfim, infalível, está visando mostrar ao Brasil que a classe operária e a população carioca estão decididas a percorrer o caminho das reformas de base, declinando essa expressão nas palavras de ordem em torno das quais se convoca o povo.

Os sete oradores principais: João Goulart, os representantes do CGT, da CPOS, da UNE, da FNM e ainda o vice-governador Eloy Dutra e o Ministro do Trabalho, marcarão suas posições em torno de cinco itens, quais sejam: a assinatura do decreto da SUPRA (ato que deverá ser efetivado naquela ocasião pelo Presidente Goulart), preservação do monopólio estatal do petróleo e fortalecimento da Petrobrás; direito de voto ao analfabeto, soldado, cabo e marinheiro, e elegibilidade para todos os eleitores; concretização das reformas de ba-

Em circulação o Semanário «Panfleto»

Está circulando, em seu segundo número, o semanário "Panfleto". Em forma de tableto, com uma interessante apresentação gráfica, "Panfleto" caracteriza-se por um conteúdo polêmico e combativo, especialmente no que se refere às reivindicações do movimento nacionalista.

O novo semanário carioca, com difusão em todo o País, tem como diretor responsável o dep. Max da Costa Santos, sendo o seu Conselho de Redação constituído pelos deputados Leonel Brizola, Sérgio Magalhães, Neiva Moreira, Almino Afonso, Demistócles Batista, Adão Pereira Nunes, Paulo Alberto e o Professor Alvaro Vieira Pinto.



FORA DE RUMO — paulo motta lima

BARCO VOADOR



O novo barco fluvial, com coelho de ar, cujo projeto acabou de ser elaborado na União Soviética, desenvolverá uma velocidade de 120 quilômetros por hora. Tem o aspecto de um avião, com 26 metros de comprimento (tomados no convés), e poderá transportar 50 passageiros. O novo barco navegará a uma velocidade de 30 centímetros sobre a água. A diferença maior entre esta nave e os outros barcos do mesmo tipo, é que prestará serviços durante todo o ano podendo superar os lugares de pouca profundidade e encostar nas margens de suave inclinação, para o embarque de passageiros. O barco voador, cuja tripulação será de apenas duas pessoas, poderá percorrer 400 quilômetros sem escalas.

A NOVA SKODA

A maior fábrica de automóveis tcheca está sendo construída em Miadla Boleslav, no mesmo local onde se produziam até agora 92 mil carros tipo "Skoda-Octavia" por ano. A nova fábrica produzirá um novo automóvel de série, da marca "Skoda-Favorit" (990 cm). 134 firmas estrangeiras, de 14 países, entre os quais a França, Itália, Grã-Bretanha e Suíça, participam da construção da nova fábrica. Estão sendo preparados 1.200 aprendizes para servir na empresa, na qual serão automatizados vários processos e mecanizados todos os trabalhos. Foi aberto na fábrica um curso universitário, com uma cátedra especializada para a tecnologia da produção de automóveis.

CAPITAL LIDERA

Sómente as fábricas e empresas de Bucareste, produziram em 1963 mais 50% que toda a Rumânia em 1958. A capital do país é o maior centro industrial, com mais de um quinto da produção global da República Popular da Rumânia. Com mais de 630.000 assalariados, dos quais 65% são operários, Bucareste fabrica a terceira parte da produção química do país, mais de um quarto da produção de construções mecânicas e elaboração de metais, a terça parte da produção da indústria de confecções, etc. Toda a produção rumena de sementes, colhedoras para cereais, aparelhos de rádio e televisão, sai das fábricas de Bucareste. No final deste ano, a produção industrial da capital rumena será duplicada, em relação ao ano de 1959.

PROVA DA BRUCELOSE

A brucelose nem sempre apresenta características exteriores, de forma que os métodos clássicos para a descoberta de animais contagiados não são suficientemente perfeitos. O dr. Lubomir Kristoforov, do Instituto de Investigações Científicas de Sofia — ramo das enfermidades contagiosas e parasitárias — propõe dois novos métodos: hemaglutinação- sedimentação específica dos glóbulos vermelhos e precipitação. Investigações do soro de animais doentes. Para realizar na prática, o dr. Kristoforov obteve anticorpos específicos e antígenos proteicos. Injetados no soro retirado do animal que se suspeita enfermo, dão origem a reação positiva ou negativa. Mediante o primeiro método, descobre-se um mínimo de 82% e, quanto ao segundo, 97% nos porcos, ovelhas e gado contagiados.

MAQUINAS AGRICOLAS

A indústria polonesa produz atualmente cerca de 300 tipos de máquinas agrícolas, devendo iniciar, neste ano, a produção de outros modelos. Além disso, passa por um período de provas a produção em série de 13 máquinas, ao mesmo tempo em que se constroem 25 protótipos. A fábrica de Slusok (volóvia de Koszalin) oferecerá à agricultura máquinas combinadas "Rosomak I", para a colheita de beterraba. Uma fábrica de Poznan produzirá enfardadoras tipo "Waria". A fábrica de Inowroclaw começará a produzir, em série, peneiras elétricas, de 100 litros de capacidade, para o comento de batatas, alimento principal dos porcos.

GIGANTE QUÍMICO



Em Zittjak, nas proximidades de Zagreb (capital da Croácia, Iugoslávia), acabam de ser iniciadas as experiências do Combinado OKI, gigante da indústria química iugoslava. Calcula-se que produzirá, a partir deste ano, 65 mil toneladas de massas plásticas e diversos compostos orgânicos, que, até agora, vinham sendo importados, em sua maioria. Com um milhão de metros quadrados, o novo estabelecimento entregará à indústria e ao mercado produtos muito solicitados, como polietileno, polisterol, fenol, acetona, e umas 25 mil toneladas de produtos secundários, preciosas matérias-primas para a indústria de transformação. De cerca de mil pessoas empregadas na nova empresa, 112 são engenheiros, 241 técnicos, e 400 operários altamente qualificados. Antes de dar começo ao trabalho, uns 800 membros do coletivo cursaram uma especialização obrigatória, sendo que 350 dentre estes foram aprovados em cursos de línguas estrangeiras.

MENOS ARMAS, MAIS CULTURA

A Assembleia Nacional Húngara aprovou o orçamento do País para 1964. A receita orçamentária será aumentada em 8,5 bilhões de forintos, em relação a 1963. Um aspecto importante do orçamento húngaro é que ele introduz uma substancial redução das despesas militares. Como assinalou o ministro da Defesa Nacional, Lajos Czinege, "não se trata de uma simples medida de economia, mas de uma prova incontestável das sinceras aspirações de paz do povo húngaro". Enquanto isso, o orçamento prevê um aumento de 6,5% nas despesas com a saúde pública e um aumento de 10,4% nas despesas de caráter cultural.

Agilberto Azevedo

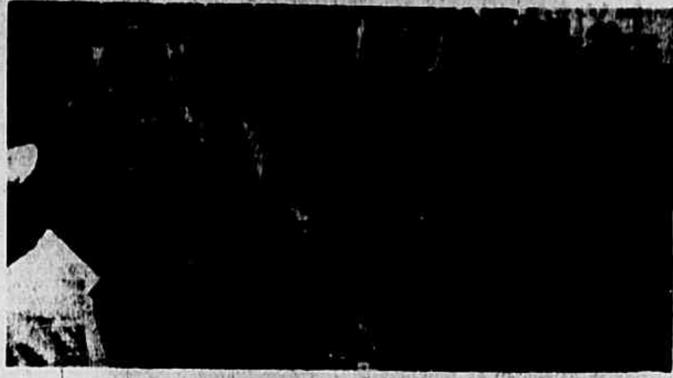
Nosso companheiro Agilberto Azevedo, de regresso de Cuba, onde esteve como um dos participantes da delegação brasileira convidada para assistir aos festejos do V Aniversário da Revolução Cubana, dá suas impressões a NOVOS RUMOS sobre aquele país.

Para nós, foi uma grande felicidade essa oportunidade de conhecer a "Pérola das Antilhas", como a denominou Colombo. As comemorações do dia 2 de janeiro, na Praça da Revolução, plantaram toda expectativa. O que havia lido, as fotografias que vira, estão longe de dar uma verdadeira impressão do grandioso espetáculo que assistimos naquele memorável dia. Quando chegamos à Praça, do alto das tribunas reservadas aos convidados, vimos já, do lado oposto, uma massa humana de centenas de milhares de pessoas. A chegada do primeiro-ministro Fidel Castro dá lugar a uma verdadeira apoteose. Depois do hino nacional e das saúvas dos milhões, inicia-se o desfile militar. Primeiro algumas unidades de infantaria. A seguir sobrocam sobre nossas cabeças esquadrilhas diversas, desde os helicópteros e aviões-escola até os mais modernos e velozes caças a jato. Enquanto isso o desfile dos carros motorizados transportando soldados, morteiros, torpedos, canhões de todos os tipos e foguetes anti-aeréos, prossegue. Seguem-se os tanques de vários tamanhos. Sentir-se que Cuba está preparada para repelir qualquer agressão.

Ao longe, na longa avenida por onde vinham os tanques, deparou-se diante de todos um quadro por nós inteiramente inédito, emocionante. Acompanhando os últimos tanques avistamos uma massa humana incalculável, de centenas de milhares de pessoas, correndo atrás dos tanques, enchendo rapidamente toda a extensa avenida e logo a seguir chegando à Praça literalmente lotada, terminando o vazio que por onde passara o desfile. O espetáculo é impressionante, comovente e mesmo. Chamou-nos particular atenção o interesse despertado pelo discurso de Fidel Castro, todo ele entrecortado de vibrantes aplausos e de respostas às perguntas que fazia ao povo. No fim, uma verdadeira apoteose. Todos de pé, de mãos dadas, num movimento de vai-e-vem, qual vagas humanas, cantando a Internacional. Tal a imponência do espetáculo, que ficamos por algum tempo a contemplar aquele mar humano dilatando-se, enchendo novamente as diversas avenidas que dão acesso à Praça. Uma conclusão se impunha a qualquer observador — era evidente a completa integração entre Povo, Forças Armadas e Governo. Cuba é invencível porque tem um povo altamente consciente de seu papel histórico e porque esse povo conta com a ajuda desinteressada e a integral solidariedade de todo o campo socialista.

Os diversos setores de atividade despertam em Cuba um interesse enorme a qualquer visitante, desde o de aspecto econômico até os de

sentido social e cultural. Era natural que me preocupasse particularmente pelo aspecto humano. Embora conhecesse já grandes realizações do governo cubano, preocupou-me muito em ver como estavam se desenvolvendo os problemas como o da moradia, escola, saúde, esporte, cultura em geral. Não só em Havana como nas 5 províncias que visitamos, das 6 em que está dividida Cuba, tivemos oportunidade de observar a seriedade com que o governo cubano vem encarando tais problemas. Não só nas cidades e vilas por onde passamos como em pleno campo, nas grandes construções novas, a maioria composta de casas pré-fabricadas, muitas, entretanto, de vários andares e tipos os mais diversos. Nos conjuntos residenciais que visitamos, sempre casas escolhidas a esmo, encontramos residências com sala, 2 a 3 quartos, cozinha, banheiro, água e luz elétrica, inclusive nas granjas, quer dizer, no campo. Com a Reforma Urbana, ninguém paga mais de 10% de seu salário em aluguel e há mesmo inúmeros moradores que têm casas completamente gratuitas, como é o caso dos antigos favelados que não pagam aluguel nas casas construídas pelo governo e a eles destinadas. No terreno da saúde pública, visitamos em Havana e em diversas províncias grandes hospitais, com aparelhamentos os mais modernos. Incluem em pleno campo percorrem hospitais bem aparelhados, como na "Cidade Escolar Camillo Cienfuegos", junto a Sierra Maestra, e hospitais rurais com aparelhos Raio-X. Tudo gratuito: hospital, todos os exames de laboratório e medicamentos. No que se refere ao ensino, depois da vigorosa campanha de alfabetização coroadada de pleno êxito no ano de 1961, o governo vem ampliando a rede de círculos infantis, escolas primárias e ginásias, secundárias básicas, pré-universitárias, universitárias e tecnológicas. Os círculos infantis estão divididos em 3 seções: de lactantes, de 45 dias a 14 meses, de 14 meses a 4 anos e de 4 a 6 anos. Todas as crianças têm assistência médica, enfermeiras e são assistidas também por professoras. O ensino em Cuba é inteiramente gratuito, havendo ainda bolsas de estudo com direito a casa, comida, roupa, livros, para estudantes das escolas secundárias básicas e universitárias. Estes recebem além daqueles benefícios, mais 30 pesos. Como nos expôs o ministro de educação, existem alunos e faltavam alunos, há escolas faltam alunos, quer dizer, a capacidade escolar é superior às necessidades atualmente existentes. Não só se desenvolvem o ensino pré-escolar, primário, ginásial, secundário básico e tecnológico como universitário. Antes só havia uma universidade, em Havana; hoje, existem 3, com as construídas nas províncias de Santiago e Las Villas. Além do emocionante espetáculo de quartéis transformados em escolas, alguns dos quais visitamos, também nos foi dado conhecer a magistral obra que é a construção da "Cidade Escolar Camillo Cienfuegos". Prevista para 20 mil estu-



A delegação brasileira presencia as comemorações por motivo do 5.º aniversário da Revolução Cubana

dantes, já com 3 unidades funcionando, com 1.230 alunos, em pleno campo, em terras que eram antes grandes latifúndios improdutivos e onde se dão três cursos de quatro graus: um de agropecuária, outro comercial e outro de distribuição de alimentos, podendo depois desses quatro anos passar para as escolas técnicas ou pré-universitárias. Nesse centro de ensino, em pleno campo, formam-se técnicos para a agropecuária e professores destinados às escolas rurais. Além das 3 unidades já em funcionamento, 4 outras ficarão prontas e entrarão em funcionamento este ano, e mais 3 até o fim do ano. Até televisão encontramos para os alunos, sem esquecer todo o conforto moderno hoje existente nos estabelecimentos de ensino das grandes cidades. No terreno, ainda, da cultura, do esporte e outras formas de educação popular encontramos em Cuba os círculos sociais destinados aos trabalhadores. Mas, como salientou o ministro da Educação, o ensino em Cuba não se limita hoje aos cursos regulares. Por toda a parte vêm funcionando cursos de recuperação para operários, camponeses e mulheres recém-alfabetizadas. Eu mesmo assisti em Manzanillo, no interior do país, no hotel onde estivemos hospedados, como acorriam os empregados após suas horas normais de trabalho para a sala de aulas, improvisada em pleno restaurante, a participarem da aula de com-

plementação visando prepará-los para cursos mais elevados. O Povo Quanto às modificações na vida do povo cubano, devemos encetar dois aspectos: primeiro, o atendimento das novas necessidades; segundo, a preservação das tradições populares. Quanto ao primeiro ponto, é inegável que o povo cubano revelou uma grande capacidade para adaptar-se rapidamente à nova situação criada. Com as conquistas obtidas vieram também obrigações. Não só de dedicar um gigantesco esforço na obra de construção, do rápido aumento da produção, como particularmente contra as maquinagens intervencionistas, já no terreno econômico como militar, como se verificou no desembarque da Praia Girón e diante da tentativa de invasão em outubro passado. Em momentos como estes, o povo cubano tem dado provas de grande amadurecimento político, grande vibração patriótica e grande confiança nas Forças Armadas e no Governo, atendendo em massa aos apelos em defesa da Pátria. O sentimento de permanente vigilância mobiliza homens, mulheres e jovens. Quanto à preservação das tradições populares, o povo cubano vem contando com o integral apoio do governo no sentido de levar à população os recursos necessários ao desenvolvimento da cultura popular, todas as

expressões folclóricas do desenvolvimento histórico de Cuba, bem como ampliando para todo o povo, em escala nacional, as formas de diversões antes privilégio de uma pequena minoria, de representantes dos grupos financeiros do imperialismo norte-americano, dos latifundiários e grandes capitalistas nacionais. Vimos em Cuba também a completa ausência de qualquer discriminação racial. Cantando e dançando ao som de suas músicas tão cheias de vida como o chá-chá-chá, rumba e outras do vasto repertório musical cubano, o povo vibra. Alegres, brincalhões, como os nossos cariocas, cubanos e cubanas, que se esmeram no vestir, hoje ao alcance da bolsa popular, sabem trocar seus trajes de baile por suas fardas. Homens e mulheres tomam então suas revólveres e fuzis e dão guarda nos locais onde a vigilância se torna necessária. O cubano é um povo duplamente feliz: porque sabe brincar, rir, aproveitar ao máximo suas horas de folga divertindo-se, e porque sabe, também, e nisso vem demonstrando uma grande maturidade, superar suas debilidades na construção do socialismo na elevação geral das condições de vida de todo o povo, pronto para dar sua vida, se preciso for, na defesa das conquistas da revolução. O povo cubano tem a plena consciência de que o Socialismo é o bem estar e a felicidade crescentes para todo o povo.

Os 40 Anos de L'Unitá

Por motivo do 40.º aniversário de L'Unitá, órgão central do Partido Comunista Italiano, N.R. enviou a seguinte mensagem: "Caros camaradas de 'L'Unitá' Associando-se às manifestações que em toda a Itália, os comunistas, os trabalhadores e o povo propagam, e este valioso jornal pelo muito que tem dado e dá à causa do progresso, da democracia, da paz e do socialismo, os trabalhadores de NOVOS RUMOS — redatores e funcionários — saudam calorosamente o 40.º aniversário de 'L'Unitá'. Sua posição valorosa em defesa da causa dos povos que lutam para se libertar das cadeias do colonialismo e do imperialismo, a solidá-

riedade que tem demonstrado para com todos os povos, e os mais distantes países combatem a paz e o socialismo são dignos da administração do respeito de todos os comunistas e cidadãos progressistas do mundo. Nas páginas da história do movimento comunista internacional, da imprensa comunista, 'L'Unitá' surge como um exemplo de desfecho intransigente da pureza da teoria revolucionária do proletariado, do marxismo-leninismo, da solidariedade internacional dos trabalhadores. Interprete dos sentimentos e anseios da classe operária italiana, porta-voz de sua vanguarda, o Partido Comunista Italiano, cumpra neste 40.º aniversário o seu dever de contribuir com a sua importante parcela para que o povo italiano conquiste o socialismo na paz e na democracia — os trabalhadores de NOVOS RUMOS saudam fraternalmente todos os seus camaradas de redação e os gráficos de 'L'Unitá'.

camponeses, os italianos do Norte e do Sul na batalha contra o fascismo e pela emancipação dos trabalhadores. E, hoje, quando o movimento democrático e comunista, as idéias do socialismo ganham uma nova dimensão no mundo, alargando os caminhos e as formas de luta para alcançar a paz na terra e conquistar a sociedade nova: a sociedade socialista, o exemplo de 'L'Unitá' adquire uma importância e um valor inusitados para toda a imprensa comunista e progressista. Fazendo os mais calorosos votos para que a missão que lhe foi destinada neste momento histórico da vida italiana seja cumprida com o mais efetivo êxito — contribuir com a sua importante parcela para que o povo italiano conquiste o socialismo na paz e na democracia — os trabalhadores de NOVOS RUMOS saudam fraternalmente todos os seus camaradas de redação e os gráficos de 'L'Unitá'.

"O Que é a Mais-Valia?"

Há mais de três séculos, a burguesia procura, obstinadamente, esconder o roubo da mais-valia. Como porém, explicar o surgimento e o crescimento do capital? A economia capitalista é uma forma de economia mercantil, baseada na produção e na troca de mercadorias. Essa troca faz-se através do dinheiro, em sua função de meio de circulação, do equivalente geral. Encarado isoladamente fora da circulação de mercadorias, o dinheiro é apenas um valor petrificado (ou, em nosso caso, correntino pela inflação). Não serve, pois, por si mesmo, para explicar a multiplicação das riquezas. Se o enriquecimento dos capitalistas não tem sua origem no dinheiro deve ter outro, necessariamente, nas mercadorias: em sua produção, em sua troca ou em seu consumo. Ora, a troca de mercadorias é, em si, uma simples troca de equivalentes, regida pela lei do valor, — e não pode levar por si mesma, ao lucro capitalista e à acumulação de capitais. Para que isso fosse possível, seria necessário que surgisse no mercado, em determinada etapa histórica, uma mercadoria diferente cujo consumo fosse ao mesmo tempo, fonte de valor. Marx e Engels mostraram que essa mercadoria existe só no capitalismo e caracteriza o modo de produção capitalista: é a força de trabalho. Ao ser consumida, em cada jornada de trabalho, ela não se limita a transferir os antigos valores contidos nas demais mercadorias utilizadas na produção: ela cria um valor novo, isto é: seu valor próprio, ou o produto necessário à sua própria reprodução; e a mais-valia, ou o produto suplementar de que se apropria o capitalista. A força de trabalho é, assim, uma mercadoria original que tem a propriedade de produzir um valor superior a seu próprio valor, expresso no salário. Isso explica porque os ideólogos da burguesia procuram, por todos os meios, esconder o papel da força de trabalho. Com ela, tentam esconder o roubo da mais-valia e as verdadeiras relações capitalistas de produção. Apresentam, por exemplo, o operário e o capitalista como proprietários independentes que, em igualdade de direitos, fazem a troca de suas mercadorias: o trabalho e o capital. Omitem, assim, uma mercadoria real: a força de trabalho. E apresentam em seu lugar, uma mercadoria inexistente — o trabalho, aparentemente paga pelo salário. Ora, o trabalho nada mais é que o processo de utilização, o consumo produtivo da força de trabalho. Sendo um processo, não satisfaz a necessidade humana, não tem valor em si mesmo e não pode, assim, ser vendido ou comprado como uma mercadoria. Além disso o operário não poderia vender o trabalho — simplesmente porque este já não lhe pertence. Ao vender ao capitalista sua força de trabalho, ele lhe transfere o direito de propriedade e, portanto, o consumo dessa mercadoria por toda uma jornada de 8 horas ao preço de seu salário e à base de um contrato. O salário é, assim, o preço da renúncia do operário ao uso independente de sua própria capacidade produtiva: o preço de sua renúncia ao produto de seu próprio trabalho. Seu próprio modo de produção capitalista facilita essa mistificação, pois está cheio de contradições entre a essência das coisas e suas formas aparentes e imediatas. Também a força de trabalho possui peculiaridades que ajudam a confundir a coisa com o trabalho — isto é, com o próprio processo de sua utilização. Ao contrário de todas as mercadorias, que se realizam segundo seu valor — isto é: primeiro se pagam, depois se usam — ela se realiza segundo sua utilidade, seu valor de uso: primeiro se usa, depois se paga. Mais que isso: é a única mercadoria que, vendida, não se desprende de seu possuidor: é apenas alienada, durante um certo período durante o qual seu comprador (o capitalista) a utiliza no processo de trabalho. Mais ainda: é a única mercadoria que produz um valor superior à quantidade de peças produzidas durante esse processo. Todas essas particularidades, contribuem, como se vê, para dar à impressão de que é o trabalho — e não a força de trabalho — que se paga através de salário. Na realidade, se o trabalho fosse uma mercadoria, essa mercadoria teria que ser paga à base de seu equivalente: o produto global de toda a jornada de trabalho. Não haveria um produto suplementar. Assim, não haveria a mais-valia, não haveria o lucro. E não haveria o capitalismo, como regime de exploração.

TEORIA E PRÁTICA — apêndice do trabalho

— II — Há mais de três séculos, a burguesia procura, obstinadamente, esconder o roubo da mais-valia. Como porém, explicar o surgimento e o crescimento do capital? A economia capitalista é uma forma de economia mercantil, baseada na produção e na troca de mercadorias. Essa troca faz-se através do dinheiro, em sua função de meio de circulação, do equivalente geral. Encarado isoladamente fora da circulação de mercadorias, o dinheiro é apenas um valor petrificado (ou, em nosso caso, correntino pela inflação). Não serve, pois, por si mesmo, para explicar a multiplicação das riquezas. Se o enriquecimento dos capitalistas não tem sua origem no dinheiro deve ter outro, necessariamente, nas mercadorias: em sua produção, em sua troca ou em seu consumo. Ora, a troca de mercadorias é, em si, uma simples troca de equivalentes, regida pela lei do valor, — e não pode levar por si mesma, ao lucro capitalista e à acumulação de capitais. Para que isso fosse possível, seria necessário que surgisse no mercado, em determinada etapa histórica, uma mercadoria diferente cujo consumo fosse ao mesmo tempo, fonte de valor. Marx e Engels mostraram que essa mercadoria existe só no capitalismo e caracteriza o modo de produção capitalista: é a força de trabalho. Ao ser consumida, em cada jornada de trabalho, ela não se limita a transferir os antigos valores contidos nas demais mercadorias utilizadas na produção: ela cria um valor novo, isto é: seu valor próprio, ou o produto necessário à sua própria reprodução; e a mais-valia, ou o produto suplementar de que se apropria o capitalista. A força de trabalho é, assim, uma mercadoria original que tem a propriedade de produzir um valor superior a seu próprio valor, expresso no salário. Isso explica porque os ideólogos da burguesia procuram, por todos os meios, esconder o papel da força de trabalho. Com ela, tentam esconder o roubo da mais-valia e as verdadeiras relações capitalistas de produção. Apresentam, por exemplo, o operário e o capitalista como proprietários independentes que, em igualdade de direitos, fazem a troca de suas mercadorias: o trabalho e o capital. Omitem, assim, uma mercadoria real: a força de trabalho. E apresentam em seu lugar,

MAIS UM ESCANDALO

Bobby Baker era secretário da maioria no Senado norte-americano, trabalhando sob a direção do então senador e hoje presidente Johnson. Ganhava 7 mil libras e, quando foi envolvido em certo escândalo, possuía 700 mil libras. Os cálculos em moeda inglesa são por conta da origem da notícia, que vem de Londres. Baker era um marginal, envolvido com "gangsters", donos de caça-níqueis e outros negócios escusos. Um seu amigo revelou — e aí está o mais importante da notícia — que ele apresentou Lindon Johnson com uma "altíssima fidelidade" que custou 100 libras. Adversários políticos do presidente dos EUA estão estranhando que ele tenha recebido esse presente, sem "estranhar". E já surgiram outras sujeiras. Um certo Reynolds disse que foi obrigado a comprar espaço nas estações de rádio texanas pertencentes a Johnson, depois de ter vendido a este uma sítia apólice de seguro. A coisa está fervendo em Washington, tudo ligado, como é claro, à próxima eleição presidencial.

UM NOVO ESPORTE

O mundo ocidental continua a nos transmitir exemplos de novos esportes. Agora, a juventude americana descobriu um esporte sensacional, emocionante e particularmente educativo para as crianças de todo o mundo: o seqüestro. O diretor de um banco holandês, conde de Grelle, foi raptado na última semana, depois de haver recebido várias ameaças anônimas, pelo telefone. Antes, um locutor de rádio, um armador e o prefeito de Damme, haviam sido seqüestrados, pelos jovens atletas e aficionados do novo esporte. As notícias não dizem se houve pagamento de resgate, o que nos impede de saber se o novo esporte é amador ou profissional.

TREINO EM CHIPRE

Apesar da atitude reservada, que transpira dos comunicados oficiais, a participação de tropas do Bundeswehr (exército da Alemanha ocidental) na intervenção contra Chipre é considerada em Bonn como "colada decidida". Consultas ininterruptas entre o governo de Bonn e os dos demais países membros da OTAN têm sido realizadas. Círculos políticos da capital da RFA insistem em afirmar que a participação de tropas do Bundeswehr em uma intervenção na convulsional ilha seria uma vantagem "para uso doméstico". Permitiria ter um "modelo" de como o Exército de Bonn deveria atuar no caso de um conflito interno. Os nazistas não fazem guerra há muito tempo, e nada melhor que um treinozinho para manter a forma.

A CAUSA DO PAVOR

As forças armadas populares do Vietnã do Sul atacaram, no dia 6 de fevereiro, uma "aldeia estratégica" em Long Thuan, na província de Taunhin, rechaçando os reforços do inimigo e aniquilando mais de quatrocentos soldados títeres. Derubaram, também, quatro aviões. Mais de cem soldados de dois batalhões que partiram de Go Dan e mais de 80 soldados enviados por quatro helicópteros norte-americanos foram também mortos ou feridos. Os quatro helicópteros foram derrubados e outros dez ficaram avariados. E isso que faz o presidente lanque receber o espírito de Forrestal.

NÃO É TÃO IMAGINÁRIA

O orçamento geral para 1964, da Coreia do Sul, prevê nada menos de 83% para gastos militares, polícia e manutenção da máquina de domínio fascista. Para os benefícios sociais e culturais apenas 2% do total do orçamento. Enquanto isto, 85,1% do orçamento da Coreia do Norte são aplicados no desenvolvimento da economia nacional e para serviços sociais e culturais. Na Coreia do Sul, os impostos aumentaram três vezes, em relação a 1955. Já na República Popular da Coreia o que aumentou foram os salários. Para o índice 100 em 1953, o índice 386 em 1962. Como se vê, o paralelo 38, embora uma linha imaginária, separa de fato dois mundos e dois sistemas.

A CACHORRA DA MILIONÁRIA

Embarcou há dias no Galeão, com destino a Buenos Aires, uma milionária norte-americana, chamada Amy Carpenter, no colo da qual viajava "Amy", uma cadeliinha "poodle", com um amarrão de plástico entre as patas. Amy — a cadela — veste-se ricamente, tem 100 vestidos, uma relógio de ouro, chapéu elegante. Já visitou, com a outra Amy, o Japão, as Filipinas, vários países árabes. Quando chegou ao Rio, onde passou três meses, tinha no pescoço um colar de pérolas verdadeiras, numa das patas uma bolsa prateada (talvez de platina) broches de ouro e outras jóias. A passageira para Buenos Aires custou vinte mil cruzeiros, e Amy, a cachorra, e a outra, durante sua estada no Rio, tiveram dois carros à sua disposição. A notícia, apesar de divulgada pelo "O Globo", é, sem qualquer dúvida, altamente comunitarista.

MORTE EM HIROSHIMA

A bomba atômica atirada em Hiroshima, no ano de 1945, continua matando. Em 1963, morreram 41 pessoas afetadas por aquela explosão nuclear. O diretor do Hospital de Hiroshima, dr. Fumyo Shigoto revelou que os mortos sofriam de leucemia, câncer e outras doenças incuráveis adquiridas naquela época. Acrescentou o dr. Fumyo, receberam assistência 152.495 pessoas afetadas pelas radiações atômicas, das quais 1.775 tiveram de ser hospitalizadas e 394 morreram. Ressalte-se que essas cifras correspondem a apenas um dos hospitais da cidade, inaugurado 11 anos depois do lançamento da bomba.

NIKITA KRUSHCHIOV e os problemas mais candentes da atualidade internacional. A coexistência pacífica, uma necessidade objetiva. Nova etapa no desenvolvimento da crise geral do capitalismo. A "democracia" imperialista. A benéfica influência do socialismo sobre a luta libertadora dos povos. O movimento comunista, a força mais influente de nosso tempo. A construção do comunismo na URSS. Estas e outras importantes questões são focalizadas com objetividade e clareza por Krushchiov na seguinte coletânea de 5 livros: O imperialismo, inimigo dos povos, inimigo da paz — Cr\$ 200,00. O movimento de libertação nacional — Cr\$ 200,00. O movimento revolucionário operário e comunista — Cr\$ 300,00. Impedir a guerra é a tarefa fundamental — Cr\$ 300,00. Socialismo e Comunismo — Cr\$ 300,00. A colônia completa — Cr\$ 1.000,00. A venda nas livrarias. Publicação da Editorial Vitória Limitada. Pedidos pelo Reembolso Postal — Caixa Postal, 165 — ZC-00 — Rio - GB. Aos reembolsoistas do Centro, Norte e Nordeste, pedimos que façam seus pedidos p/re-messa via aérea.

José Almeida

Foi publicada quinta-feira última a Instrução 263 da SUMOC. São as seguintes as alterações mais importantes introduzidas por ela no regime cambial:

— do lado das exportações, foi instituído o repasse total das cambiais do açúcar, do petróleo e do café para o Banco do Brasil, à taxa cambial fixa de 600 cruzeiros por dólar. No caso do café, esse repasse atingia anteriormente 80% das cambiais. O repasse, como se sabe, é a transferência para o Banco do Brasil das cambiais negociadas através dos bancos particulares autorizados a operar em câmbio. A exportação dos demais produtos foi lançada no mercado de taxas livres de câmbio;

— do lado das importações, com exceção do petróleo e derivados do trigo, do papel de imprensa (pelo prazo de 60 dias) e de equipamentos para a Petrobrás, que serão feitas à taxa fixa de 620 cruzeiros por dólar, passarão todas para o mercado de taxas livres de câmbio;

— as transferências financeiras para o exterior, com exceção das previstas no item VI da Instrução e das quais não ocuparemos mais adiante, também passarão a ser feitas no mercado de taxas livres de câmbio;

Modificação na Taxa Cambial

Em face da elevação dos custos internos de produção, decorrência do agravamento do processo inflacionário, o governo vinha sendo colocado sob dois tipos de pressão pelos grupos exportadores, no sentido de que elevasse a taxa cambial, dando mais cruzeiros por dólar de mercadoria exportada. Era a pressão feita diretamente pelos exportadores sobre as autoridades monetárias, através de solicitações, memoriais, exposições, etc. e, sobretudo, a pressão real, econômica, através da criação de um agio ilegal — o "boneco" — sobre a taxa cambial vigente. Assim, quem tivesse dólares para vender

(e eram quase todos os exportadores, com exceção dos repassados para o Banco do Brasil, assim como da 10% das cambiais do cacau) só os vendia a quem desse e comprasse importações e pessoas interessadas em receber dólares com a condição de, em troca, receber os 620 cruzeiros por dólar, fixados pela Instrução 239, de abril de 1963, e mais o "boneco", que ultimamente girava em torno de 350 cruzeiros por dólar. Assim, o dólar estava sendo vendido, de fato, no mercado livre aproximadamente por 970 cruzeiros. Esse "boneco", por ser ilegal, não era contabilizado, não era escriturado e sobre ele não se pagavam os impostos e taxas.

Para os exportadores, representava um ganho adicional, mas para os importadores criava uma situação oposta, já que seus custos se acresciam de uma parcela que devia permanecer fora da contabilidade, oculta. Havia, por isso, necessidade de uma modificação na relação legal cruzeiros/dólar. Poderia o governo alterar a taxa oficial de câmbio, fixando-a em 900-950 cruzeiros por dólar encampando o "boneco". Poderia, ainda, manter-lhe nos 600-620 cruzeiros estabelecidos, dando aos exportadores um subsídio que cobrisse a alta dos custos internos e onerando os importadores com quantia correspondente, o que significaria um novo rumo para a política cambial.

Por isso, com a Instrução 263 foi liberada a taxa cambial. Previsões preliminares, sujeitas a erros, estimam que o dólar para operações comerciais venha a ficar em torno de 1.100 a 1.200 cruzeiros. Para os exportadores, isso representará novos ganhos adicionais; para os importadores, o dólar ficará mais caro e, portanto, mais difícil as importações, o que significa maior estímulo para a produção interna. Também as remessas de divisas ficarão sujeitas a maiores gravames, devido ao preço do dólar, mais elevado.

Dólares Livres

Para identificar a filosofia da Instrução 263 com a que inspirou a 204, os círculos de negócios olham-na

sob o ângulo da liberação das exportações e importações (com as importantes exceções mencionadas).

É interessante, assim, comparar que parcela de dólares ficará sob controle do governo e que parcela ficará no mercado livre. Nos anos de 1959, 1960 e 1961, só das exportações brasileiras, excluídos o café, o açúcar, o petróleo e o minério de ferro (o grosso das exportações de minério de ferro é feito pela empresa estatal Cia. Vale do Rio Doce), através do Banco do Brasil) somaram, respectivamente, 432 milhões e 545 milhões. Esta última cifra refere-se ao ano de 1961, sob o regime da Instrução 204. Quanto às exportações de petróleo, deverão ser pequenas este ano, em face do aparelhamento da Petrobrás para processar talvez a totalidade do óleo cru extraído na Bahia. Assim, tendo em vista: 1) a tendência atual dos mercados internacionais dos diferentes produtos que compõem a pauta brasileira de exportações e 2) que a elevação da remuneração em cruzeiros geralmente é seguida por um certo aumento das quantidades exportadas e por uma depreciação nos preços internacionais, pode-se prever, grosso modo, que o volume de produtos, ora na taxa livre, venha a proporcionar uma receita cambial em torno de 500 a 550 milhões de dólares, em 1964.

Dólares Sob Controle

Outras pessoas, que examinam a Instrução pelo lado das divisas que o Banco do Brasil manipulará, consideram-na como um passo no sentido do maior controle oficial de câmbio. O aumento de 80 para 100% das cambiais do café, tendo em conta que a tendência do mercado internacional desse produto é para a alta, poderá carrear para o Banco do Brasil uns 110 a 120 milhões de dólares a mais do que se prosseguisse a situação anterior. Quanto ao acréscimo a ser trazido pelo açúcar para a receita cambial do Banco do Brasil, dependerá das disponibilidades exportáveis e do comportamento das cotações internacionais, ora em nível favorável aos países produtores. (De passagem, vale observar que a obrigatoriedade dos repasses referidos é economicamente possível porque os preços em dólar já propor-

cionam aos exportadores uma alta receita em cruzeiros; se esta fosse aumentada, pressionaria para a baixa os preços em dólar. Entretanto, o Estado de Pernambuco e o necessitará de uma compensação).

Em síntese, pode-se prever que o Banco do Brasil disporá de um montante de divisas de 1 bilhão a 1 bilhão e 100 milhões de dólares. Desses, parte virá da cota de contribuição do café (em média, 20 dólares por saca), do cacau, parte dos repasses obrigatórios dos dólares restantes do café, do açúcar e, ainda, da exportação de minério de ferro, que poderá ser feita também através do Banco do Brasil, ainda que à taxa livre de câmbio.

Em termos proporcionais, teremos, então, que das cambiais obtidas pela exportação, cerca de dois terços serão controlados pelo Banco do Brasil (mais do que na situação anterior à 263) e um terço ficará no mercado de taxas livres.

Aplicação Dos Dólares Repassados

Estimando em 400 milhões de dólares a parcela a ser absorvida pelas importações oficiais (petróleo, trigo, etc.), a economia nacional necessitará importar, ainda, mais uns 800 milhões de dólares de mercadorias, a julgar pela média dos últimos anos. Supondo que toda a receita cambial existente no mercado livre, que estimamos entre 500 e 550 milhões de dólares, seja destinada a atender a estas importações, mesmo assim restariam uns 250 a 300 milhões de dólares necessitando de cobertura.

Por outro lado, o mercado oficial, cuja receita estimamos entre 1 bilhão e 1 bilhão e 100 milhões de dólares, disporia de 600 a 700 milhões de dólares, depois de asseguradas as importações oficiais. Poderá o dólar sair daí a massa de dólares necessária a cobrir o resto das importações? Isso vai depender da destinação a ser dada a essa receita cambial pelo governo.

Compromissos Financeiros

E aqui chegamos ao item VI da Instrução 263. Diz ele: "As remessas financeiras para pagamento da dívida externa brasileira, os compromissos governamentais junto à Delegação do Tesouro em Nova Iorque,

Eximbank e Fundo Monetário Internacional, os empréstimos com garantias de ouro e outros compromissos governamentais de natureza idêntica, serão liquidados à taxa de Cr\$ 620,00 por dólar ou seja equivalente em outras moedas."

O texto, longe de primar pela clareza, enseja uma série de perguntas da maior importância, às quais a Instrução, absolutamente, não responde. Vejamos:

— a que dívida externa brasileira refere-se a Instrução? Está aí compreendida a dívida das empresas privadas, inclusive as estrangeiras?

— quanto exigirão, este ano, os compromissos governamentais, em face do anunciado reescalonamento da dívida externa?

— os "compromissos governamentais de natureza idêntica" compreendem os compromissos das empresas e entidades estatais (excluída a Petrobrás apenas no que se refere a petróleo e derivados e equipamentos) para a importação de equipamentos, matérias-primas (inclusive produtos químicos e outras matérias-primas para a Petrobrás), amortizações de débitos, pagamento de juros, assistência técnica, "royalties" e outras transferências financeiras? Ou estão de fora as empresas estatais, tendo que ir comprar no mercado livre, pelo dobro do preço, os dólares de que carecem?

— serão amparadas também as empresas privadas por essas disponibilidades do Banco do Brasil?

No discurso que pronunciou, também na quinta-feira, o presidente da República afirmou que o repasse de divisas de mais de 1 bilhão de dólares é "para que o governo possa atender a seus programas prioritários". Poderiam talvez, ser incluídas aí as empréstimos estatais. Mas, pela Instrução, nada disso se infere.

Subsídios e Deficit Orçamentário

O fato de que uma parcela indeterminada das disponibilidades cambiais venha a ser vendida à taxa de 620 cruzeiros por dólar (petróleo, trigo, papel, compromissos previstos no item VI) torna impossível para nós uma estimativa acerca do montante dos recursos em cruzeiros de origem cambial, que poderiam ser utilizados para diminuir o déficit orçamentário da União.

Ag subsidiar o consumo do petróleo e do trigo, produtos supridos principalmente pela importação, o governo estimula o consumo de ambos, sob a alegação de contribuir para os consumidores. Ao ritmo já alcançado pela inflação, cremos ser desprezível a influência que teria um certo aumento nos preços desses dois produtos para o agravo da massa. Ainda agora, transportadores rodoviários de São Paulo exigindo um aumento de 30% nos fretes, embora não tenham tido te certamente ficaram decepcionados pela perda do pretexto) chance de alegar a alta dos preços dos combustíveis para justificar o aumento. E mais: ao colocar no mercado livre massa ponderável de importação e da exportação, a Instrução 263 contribui para depreciação o valor de nossa moeda e, portanto, para a inflação (ainda que provavelmente em pequena medida, dada uma série de peculiaridades, como a venda de parte dos estoques do IBC, etc.) para cima o custo de vida.

Mas, de outro lado, o congelamento da taxa para o trigo representa um desestímulo ao aumento da pro-

dução interna e para o petróleo cria sério problema para a Petrobrás. E, finalmente, congela sua receita em cruzeiros, que, entretanto, precisa crescer, mais do que a elevação dos custos internos, já que é em cruzeiros que ela faz, hoje, a maioria esmagadora dos seus gastos, inclusive em equipamentos.

Por isso, se a Instrução beneficia a Petrobrás, desde que o Banco do Brasil passe a dar-lhe o indispensável suprimento de dólares que ela não vem tendo, e, de outra parte, essa dificuldade para a empresa. E verdade que o problema pode ser contornado mediante um aumento nos preços dos derivados desvinculados da taxa cambial; mas, o outro problema, o do estímulo ao consumo de uma fonte de energia que assim se torna relativamente mais barata e da qual não temos sequer auto-suficiência, esse problema persistirá.

Dois Caminhos

Pelas razões expostas, penso que a Instrução 263, por si só, não altera substancialmente a situação cambial preexistente a ela, não indica se o rumo visado é a liberalização ou o maior controle do câmbio. O que a caracteriza é, antes, sua natureza contraditória, ou mista, ou ecletica, como se deseje. O que vai marcar o rumo cambial do País serão a regulamentação da Instrução 263 e os atos subsequentes das autoridades monetárias, inclusive novas instruções da SUMOC.

Pois tanto poderão ser mantidas as taxas livres de câmbio, como poderão vir a ser as mesmas fixadas no nível em que se estabeleceram, depois dos movimentos iniciais de acomodação. Em qualquer caso, será difícil, isto sim, esperar medidas de caráter nacionalista na política econômico-financeira enquanto os postos-chave estiverem ocupados pelos Mel Galvão (FAPESP), os Medina Cell (Banco do Brasil), os Luiz Figueira (SUMOC) e outros teóricos ou militantes do entreguismo.

Festa de Congraçamento

A Frente de Libertação Nacional do Estado da Guanabara promoverá, no dia 8 de março (domingo), uma excursão à Fonte das Águas Minerais, Ambal. Haverá "show" sob a direção do conhecido artista Modesto de Souza, e danças ao som de magnífico conjunto regional. Leilão de esplêndidas prendas e eleição de Rainha da festa. Alimentação e bebidas a preços populares. Condição às 9 horas na Av. Chile, junto ao tabuleiro da Balena. Com vendas na sede da FRENTE à rua Senador Dantas, 117, Tº 8-725.

Viana Filho Venceu Concurso em Havana Com Peça Inédita

Oduvaldo Viana Filho, autor de "A Mals-Valla Val Acabar", seu "Edgar" e de "Chapeluz Futebol Clube", e um dos diretores do Centro Popular de Cultura, foi o vencedor do prêmio de teatro do quinto concurso literário latino-americano, patrocinado pela "Casa das Américas", de Havana, com a peça "Quatro Quadras de Terra", cujo tema é a luta dos camponeses contra o latifúndio. Os prêmios de romance (novela) e poesia foram concedidos respectivamente ao mexicano Jorge Ibaranguentia, com "Os Reimpos de Agosto", e ao argentino Mario Trejo, com "O Uso da Palavra". Um conto foi selecionado como o melhor apresentado ao concurso: "Chuliega", de um argentino, Octavio Getino. O gênero onctivo ficou sem ganhador. De mil dólares o prêmio a que adquiriu direito Oduvaldo Viana Filho, "Quatro Quadras de Terra" será encenada em Cuba. Para março, Oduvaldo já anuncia a encenação de uma outra peça sua, "Os Azeredos Mais os Beneditos", com a qual será inaugurado o teatro da União Nacional dos Estudantes. Segundo o autor, essa peça é o seu "melhor trabalho, no qual deposita grandes esperanças".

MUSEU DE ARTE MODERNA PROMOVE INICIAÇÃO AO CINEMA DO JAPÃO

Bob o patrocínio do embaixador japonês, sr. Kaitake Tatsu, o Departamento Cinematográfico do Museu de Arte Moderna do Rio, associado à Fundação Cinematográfica Brasileira, realizará, de 2 de março a 15 de abril próximo, no Teatro da Maison de France, uma "Iniciação ao Cinema Japonês", com a qual colaborará a Aliança Francesa e os empresários Domingos Oliveira e Tônia Carreiro. A "Iniciação" consistirá em 20 programas, em parte com legendas em português, e começará no dia 2, às 21 horas, com um filme inédito no Rio de Janeiro. Informa o Museu que os preços das assinaturas para os vinte programas, são os seguintes: sócios do Museu e da Aliança Francesa: Cr\$ 4.000,00; não sócios: Cr\$ 7.000,00. Assinaturas ge-

Sobre o Projeto da SUPRA

Nestor Vora

Ainda não é do conhecimento público o projeto definitivo da Supra de desapropriação e aproveitamento das terras situadas nas proximidades das rodovias, ferrovias e águas federais, pois o mesmo ainda se encontra em plano de consulta a várias forças políticas, sendo assim possível que, antes de ser aprovado, o que de certo modo dificulta dar uma opinião mais fundamentada e definitiva sobre essa questão.

No entanto, o que já foi publicado parece-nos conter as principais idéias que esse decreto visa concretizar. Por isso mesmo, opinaremos aqui sobre os aspectos essenciais.

De 3 a 4 anos a esta parte o problema da terra, ou seja a questão agrária e camponesa, vem tomando cada vez maior vulto. A par da situação, objetiva que vem revelando a necessidade imediata da modificação da atual estrutura agrária do País, desenvolve-se a consciência das massas camponesas, sobretudo seu nível organizativo e sua disposição para as lutas reivindicativas o que, por sua vez, torna ainda mais imperiosa e urgente a modificação dessa estrutura agrária absolutamente superada, que repousa no monopólio latifundiário (de natureza feudal) da propriedade da terra.

Como consequência, desenvolve-se no campo uma crescente pressão de massas que o Governo (de igual maneira que outras forças políticas) sente ser necessário atender, pelo menos em parte, a fim de evitar que a situação se agrave de maneira mais rápida e assuma aspectos mais radicais. Por outro lado, compreendendo essa situação e tendo em conta o grau de compreensão e de mobilização das massas camponesas, as forças políticas democráticas, sobretudo os comunistas, se empenham na conquista de medidas imediatas e soluções parciais, possíveis de serem postas em prática pelo Executivo, desde já. Porque, desse modo, as massas camponesas irão adquirindo a necessária força e consciência para a luta pelas soluções mais avançadas e completas de seus objetivos, num processo ao mesmo tempo de acumulação de for-

ças e de ampliação de sua unidade com as demais forças nacionalistas e democráticas da frente-única. Igualmente interessadas na luta por uma efetiva reforma agrária.

Assim, toda conquista das massas camponesas, por pequena e parcial quanto seja, tem um aspecto positivo, do mesmo modo que, todas as medidas que agravem as contradições com o latifúndio, isto considerando o processo em seu conjunto.

O projeto da SUPRA constitui, a nosso ver, uma dessas medidas parciais que expressam certa conquista dos homens do campo e, por outro lado, aguçam a contradição do sistema latifundiário com a totalidade da nação.

Não constitui essa medida, no entanto, a reforma agrária, como procura apresentar a reação, tentando impedir ou dificultar sua aprovação, nem tampouco como a busca de defender as forças do Governo Federal e a SUPRA, porque essa medida não modifica o atual regime latifundiário de propriedade da terra nem possibilita o acesso à terra para a imensa massa dos homens do campo sem terra ou com pouca terra.

E, sobretudo, uma medida inspirada nos interesses do capitalismo em solucionar a questão agrária à base da transformação dos atuais latifúndios em burgueses-latifundiários, através da compra das terras improdutivas dos latifúndios pelo Estado, ou seja, às custas de todo o povo, sob o absurdo princípio "do pagamento prévio, em dinheiro, segundo o justo valor" das terras desapropriadas. No mesmo tempo que apresenta aos trabalhadores do campo a exigência de pagar a terra por um preço elevado, ao alcance apenas de um número reduzido de camponeses ricos que, desse modo, ficarão mais ricos, prosseguindo para a grande massa dos trabalhadores do campo o impedimento do acesso à terra. Portanto, é não parte, evidentemente, dos interesses das massas camponesas laboriosas e mais necessitadas.

No entanto, há alguns aspectos que consideramos positivos e por isso mesmo devem ser ressaltados. O projeto significa uma tentativa do Governo, e, particularmente, da burgue-

sia nacional de enfrentar a questão da terra de maneira prática, o que acontece pela primeira vez. Isto significa tomar posição efetivamente contra o "sagrado direito da propriedade", a intocabilidade do latifúndio, apesar da forma ainda tímida e conciliadora que esse decreto reflete.

E, por outro lado, uma medida parcial entre as várias que vão sendo tomadas e que, se não constitui verdadeiramente uma medida de reforma agrária, representa um passo nesse sentido.

Aqui é necessário compreender como essa medida está repercutindo e repercutirá na massa camponesa ávida de terra, da qual uma parte já está disposta a ocupar essas terras e pensar fazê-lo sem pagar a indenização (o que, aliás, lhe seria impossível) ou parte dela, atitudes que devemos estimular ao máximo. Constitui, efetivamente, esse decreto um primeiro passo contra o "sagrado direito" da propriedade da

terra exercido pelo latifúndio de maneira absolutamente pernicioso para a economia do país.

Querem val conduzir o processo, quem vai decidir em última instância, é a ação de massas, dos lavradores sem ou com pouca terra, em estreita aliança com a classe operária e as demais forças da frente única nacionalista e democrática.

Devemos, portanto, orientar as massas do campo para que ocupem essas terras, nelas se instalando definitivamente e trabalhando-as. Resistindo, onde e como for possível, ao pagamento das absurdas indenizações ou aluguel e ampliando a área de ocupação além da faixa de dez quilômetros nas áreas dos latifúndios.

Isto certamente irá agravar as já profundas e insuperáveis contradições existentes no campo e, sobretudo, aprofundar a luta de classes no campo, que, em última análise, é o fator decisivo para a realização plena da reforma agrária radical.



O QUE REPRESENTOU A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE SÃO PAULO?

Você encontrará resposta no grande romance de Alfonso Schmidt

A LOCOMOTIVA

Adquira-o pelo REEMBOLSO POSTAL na

LIVRARIA DAS BANDEIRAS

Rua Riachuelo, 342 — loja 2 — SÃO PAULO — (Capital) —

Preço: Cr\$ 620,00

ções ZUMI

Greve da Luz no ES Termina na Encampação

Afirmado que a Companhia Central Brasileira será encampada pelo governo não pode deixar de atender o povo em suas justas reivindicações. O presidente João Goulart comunicou aos integrantes da Comissão Pró-Encampação da CCB que já estava nas mãos do ministro de Minas e Energia, sr. Oliveira Brito, o memorial assinado por milhares de capixabas exigindo a desapropriação da empresa de energia norte-americana que vem espoliando o povo do Espírito Santo. Na mesma tarde do dia 15, o sr. João Goulart garantiu aos líderes populares daquele Estado que o decreto de encampação estaria pronto para receber sua assinatura nos primeiros dias de março.

O Povo e o Trufo

Tudo começou quando a Companhia Central Brasileira, distribuidora de energia das principais

idades do ES, anunciou por meio de editais publicados na imprensa que a partir do dia 1.º de janeiro as taxas de força e luz seriam aumentadas em 150%. Diante disso os capixabas não titubearam e, em poucos dias, vários líderes sindicais, prefeitos e deputados lançaram um manifesto ao povo conclamando-o a não pagar as contas da CCB, ao mesmo tempo que era formada uma Comissão Pró-Encampação da empresa ligada à American Foreign and Power. Essa Comissão, dirigida pelo general Parente Frota, subdividiu-se imediatamente em grupos de trabalho, estabelecendo-se assim uma verdadeira organização destinada a livrar o solo capixaba da companhia ianque.

Ainda nas primeiras semanas de janeiro realizaram-se várias manifestações populares durante as quais promulharam-se diversos gritos e lemas municipais dando à Campanha seu caráter de povo. E conclamando a população de suas municipalidades a devolver as contas esboçadas apresentadas pela CCB.

Durante todo o mês de janeiro, o Estado do Espírito Santo foi pontilhado de comícios coordenados pela Comissão Pró-Encampação que vinha recebendo a cada dia novas mensagens de solidariedade à sua iniciativa. Forte, organizada, e apoiada no

povo a Campanha pela encampação da CCB lançou-se na organização de um comício-monstro a ser realizado em Vitória, no dia 4 de fevereiro.

Governador na Campanha

As cinco mil pessoas que compareceram foram mais um golpe mortal para a CCB, que começara a agonizar quando o povo resolveu não pagar mais as contas de luz.

Falando à multidão, o coordenador da campanha — general Parente Frota — ressaltou a responsabilidade do governador Francisco Lacerda naquele momento de luta por desenvolvimento do Espírito Santo. Seguiu-se ao general, falou um membro da Comissão Jurídica da Campanha, sr. José Cupertino de Almeida, que esclareceu não bastar a encampação nas formas tradicionais, pois a medida deve vir acompanhada de um rigoroso levantamento físico e contábil da empresa que, como todos sabem no Espírito Santo, não possui acesso nenhum, pois tudo foi construído com o dinheiro do povo.

Encerrando a manifestação, tomou a palavra o governador do Estado, sr. Francisco Lacerda de Aguiar, que depois de receber das mãos da Comissão

o arrazoado que dias depois passaria ao presidente da República, declarou naquela ocasião, falando em seu nome e no do sr. João Goulart, que garantia ser do interesse dos governos Estadual e Federal a encampação da Companhia Central Brasileira. Finalizando o governador do Estado aconselhou o povo a continuar recusando-se a pagar as contas acumuladas.

Durante o mesmo mitingue, o povo foi informado do andamento da Campanha, vituosa em todo o Estado. O município de Cachoeiro do Itapemirim recusou-se quase que em sua totalidade a pagar luz e força à CCB, o mesmo ocorrendo em Vitória, onde a abstenção ultrapassou as perspectivas mais otimistas.

Diante dessa situação, a direção da empresa norte-americana decidiu tomar a medida mais anti-povo possível: mandou cortar a luz de milhares de residências. Mandou cortar a luz do povo; daquelas cinco mil pessoas que ao lado de deputados e de dirigentes populares recusavam-se a ser exploradas. Mas desse mal, se a Campanha pela sua encampação tinha um forte apoio de massas, calando tudo em cada popular, ela tinha um equivalente organização, e já esperava pelos cortes. Para neutralizá-los, foram abertos voluntários de eletri-

colas. Assim, era a CCB cortando a luz e a eletricidade do povo ao local, e ligar de novo. Derrotada em mais uma frente, a Central passou a hostilizar as populações de municípios interiores, lançando-se contra o poder municipal, num costume adquirido por outros poderes que tantas vezes já capitularam aos pés de sua matriz ianque. Porém, desse mal novamente, e anárquico a derrota na primeira tentativa, quando pretendeu manter desligados os motores — de propriedade do município — que iriam acionar o tratamento das águas da Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim. Diante disso o prefeito Abel Santana procurou um entendimento, mas a Central continuou encastelada em sua arrogância. Finalmente, o chefe do Executivo foi ao governador e avisou que iria ligar os motores depois de uma pausa, com o povo, na tarde do dia 27.

O Golpe Final

A Companhia Central "B", como também é conhecida, foi inovável durante muitos anos e muitos governos, no entanto, diante da ação unida e organizada do povo capixaba, ela vive hoje seus últimos dias de agente explorador. Como se faz com os criminosos, o povo capixaba fez com sua exploradora. Espe-

rou, acumulou queixas, estudou a questão, até que finalmente — no momento exato — uniu-se e aplicou-lhe o golpe mortal. A arma desse golpe foi a unidade, mas a força que a impulsionou foi toda a corrente de falcatras da Central, B.B., angolada pela Comissão Pró-Desapropriação, que organizou uma explicação de motivos com 48 itens, documento esse que está servindo de base ao decreto de encampação.

O documento esclarece que a manifestação popular foi orientada contra o aumento das taxas, mas que, de acordo com as necessidades do Estado e da Nação, a sua intensidade extravaçou e agora só há uma solução para o povo capixaba, a encampação imediata da companhia distribuidora — pois a Central não produz um só quilowatt — que mais elevados preços cobra em todo o país.

O referido documento apresenta as razões que justificam a encampação, sem se esquecer de mostrar às autoridades, como encampar a Central ianque. O arrazoado é, enfim, um ponto final para o problema, só resta ao Governo tomar público dentro do prazo prometido o decreto de encampação. Até lá podem estar certos os diretores da Central que nenhum capixaba irá a seus "quichês" pagar conta alguma.

MUDANÇA DE CENÁRIO

Em 1937 ou 1938, alguns policiais foram acusados de praticar tiro no alvo nas costas de presos políticos, que levavam para os terrenos pantanosos à margem da E.F. Leopoldina, próximo à estação suburbana de Carlos Chagas. A própria "imprensa sadia" acolheu as denúncias de alguns sobreviventes, que se prontificaram a reconhecer os criminosos "defensores da lei", e chegou a publicar a fotografia de um grupo de "tiras", alinhado, para dentro deles serem identificados os culpados. A coisa cheirava muito mal; entretanto, para todo há remédio.

De um dia para o outro, operou-se a manobra, comum nos tratos. Calu o pano, e no dia seguinte, o cenário estava mudado. A "imprensa sadia" substituiu um assunto por outro; os heróicos defensores da lei estavam tornando um "terrível facinoroso", o "Bifinho", precursor do "Mineirinho", e que não passava como este de um triste produto do vergonhoso "mundo livre". E não se falou mais do tiro no alvo.

XXX

Um dia destes, os terroristas ianques, fascistas e racistas, mandaram assassinar Kennedy, e, com um cinema espanholo, acusaram como autor do crime um pobre diabo, provavelmente inocente que, claro, rotularam de "castrista", marxista etc. Em seguida, como o infeliz fosse mais tímido do que esperavam, e não quisesse "confessar", mandaram assassiná-lo por um desclassificado, à queima-falsa, algo mais e seguro por dois "tiras". A coisa era escandalosa; o mundo inteiro esperava uma explicação; que fazer?

Eureka! Foi "rapto" o filho do famoso cancionista Frank Sinatra. Os benemeritos "defensores da lei" do F.B.I. foram encarar os "raptores" e tiveram pleno e rápido êxito. Em poucos dias, prenderam-no, apreendendo quase todo o dinheiro do resgate, pago por Frank Sinatra senior. E, como foi posta uma pedra sobre o esqueleto que contém o corpo de Kennedy, outra foi posta sobre o vergonhoso escândalo do seu assassinato. Como complemento, no mesmo estilo em que o bando fascista de cá, que nada do mar de lama do seu ódio, procura cuspir um pouco dessa lama sobre certas senhoras em evidência, a quadrilha fascista-racista de lá também procura, jesuiticamente fazer perversas insinuações contra a viúva Kennedy, por meio de fotografias.

XXX

Há alguns meses, havendo sido assassinado o filho de um jornalista, a polícia da Guanabara anunciou uma "blitz" (o subconsciente dos nazistas é traço) contra os "marginais". Na realidade, a pretensão de declarar guerra ao crime, o que se viu foi uma violenta ofensiva contra os favelados, que, na enorme maioria dos casos, são operários. Houve diversos protestos de famílias faveladas, que denunciaram roubos e espancamentos cometidos pelos executores da "blitz". Os infelizes que foram aprisionados, entre os quais, sem dúvida, poderia haver mais elementos foram metidos em uns galpões existentes próximo à Avenida Barrologuê de Gusmão, entre as estações de S. Cristóvão e Mangueira.

Acontece que a reportagem de um jornal começou a publicar fotografias e narrações de como vivem várias centenas de infelizes, confinados, há meses, naquele campo de concentração cuja existência era geralmente ignorada. Que espanto!

Mas não há de ser nada. Providencialmente, "evadiram-se" da Penitenciária Lemos de Brito (apelido da conhecida "Casa de Correção", ali na rua Frei Caneca) cerca de 40 "terríveis facinorosos", chefiados pelo "Miguçu", mais uma vez, caiu o pano, e, ao subir novamente, estava mudado o cenário; os benemeritos "defensores da lei" foram a caçar Miguçu e Cia., com a ordem de atacar para matar. Entretanto, não mal atiraram, que, além do Miguçu matarem também o próprio comandante, o que foi um lamentável acidente.

Note-se: a fotografia do cadáver do Miguçu dava mais a impressão de alguém morto durante algum assim como um "interrogatório". Mas a caçada humana despetiu tal entusiasmo na "imprensa sadia", que até a própria "Última Hora" foi contagiada, e embarcou naquela canoa.

XXX

Com essa fática, sempre que o apatelo de opressão do capitalismo decamba para o terrorismo, a imprensa sadia, que é outro instrumento do mesmo capitalismo, aplica o diversionismo substituindo um assunto por outro. Assim, os assassinatos de presos políticos, os organizadores de crimes políticos, agressores e perseguidores de favelados, voltam à condição dos benemeritos, e são reintegrados na estima e admiração do povo; ao menos dos ingênuos".

(Do leitor Francisco de Assis — GB)

A FILA DO ATESTADO

O senhor João Obmulf (esperamos ser este o nome) passou a encontrar nas ruas da capital paulista intermináveis filas de homens, mulheres e crianças, noite e dia, sob o sol e a chuva. O que seria?

Distribuição de açúcar ou outro alimento raro não podia ser. Quem sabe se, aproveitando-se da noite, Ademar de Barros não tentara o seu golpe? O sr. Obmulf pensou logo em entrar também na fila e pegar um cano furado para ir cacar antes em Mato Grosso. Mas um transeunte informou-o de que não se tratava de nada disso; e disse mais que aquelas filas principiam todas em todos os postos de Higiene da capital paulista.

Bem, para que tanta gente estivesse fora de suas casas e passasse a noite ao relento diante dos postos de Higiene, só poderia tratar-se então de uma catástrofe, de uma epidemia. O sr. Obmulf resolveu indagar que tragédia havia caído sobre o povo paulista. Dirigiu-se a uma velha senhora que se cansava à espera de chegar a um daqueles postos. E ela explicou: "Meu filho, essa fila é porque, para matricular nossos filhos na escola, é exigido o atestado de saúde. E como os postos atendem de 80 a 100 crianças por dia, devido à "boa" administração de S. Excia, o bom padre Boleiro, se queremos matricular nossos filhos, nós somos obrigados, enquanto os ricos estão dormindo em colchão de molas para ir para o inferno, a esse novo sacrifício imposto pela bondade extrema do bom padre bem intencionado Boleiro, para sofreremos mais e ganharmos o céu".

CORRESPONDÊNCIA

— JOSE RIBEIRO FILHO (Janeiro — MG) — Remeteremos prontamente as informações que nos pede.

— COMPANHEIROS DE VILA PRUDENTE (SP) — Recebemos, agradecemos e retribuimos a saudação de Ano Novo dos caros companheiros do bairro paulistano de Vila Prudente.

Congresso de Juristas em Budapest Começa Dia 31 de Março: Democracia

A Associação Internacional de Juristas Democratas vai realizar em Budapest, Hungria, de 31 de março a 5 de abril próximo, o seu VIII Congresso, que se pretende, conforme dizem os seus organizadores, "concretizar-se sob o signo da cooperação internacional", aberto a todos os juristas, membros ou não da Associação, que desejarem contribuir para o progresso da ciência jurídica.

A Associação Internacional de Juristas Democratas — fundada em 1946 por "juristas desejosos de contribuir para a realização dos fins das Nações Unidas", por meio de contactos que com o estudo e a prática dos princípios favoráveis à manutenção da paz e ao desenvolvimento das relações de amizade entre os

países, com a simultânea libertação de todos os povos — programa, para o Congresso de Budapest, uma ordem-do-dia que começa por estabelecer que os trabalhos serão abertos por dois discursos, a cargo de Pierre Col, professor das Faculdades de Direito de Paris e Rodolfo S. Obmulf, professor da Universidade Carlos IV de Praga, ambos co-presidentes da Associação.

A ordem-do-dia abrange temas vários, como "coexistência pacífica de países de regimes sociais e políticos diferentes"; "luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo"; "libertação nacional e independência dos povos"; "desarmamento; soberania no mundo contemporâneo; luta anti-racista; participação dos cidadãos na administração da justiça".

O Congresso será aberto a 31 de março e encerrado a 5 de abril. Encerrado, os participantes irão conhecer os aspectos da vida nacional da Hungria, excursionando pelo país.

Despesas

Os juristas brasileiros que participarem do Congresso terão as despesas de permanência na Hungria pagas

pela Associação de Juristas Democratas. A companhia de aviação húngara "La Malex" nada cobrará pelos bilhetes de regresso até os terminais de suas linhas: Londres, Bruxelas, Amsterdã, Paris, Roma e Cairo. Cortesia igual esperase da "Aeroflot" (soviética), "C.S.A." (trêca) e "Air-Algerie", a congressistas que quiserem visitar os seus países.

Estudantes Também

Estudantes de Direito desfrutarão das mesmas vantagens concedidas aos formados, como "visas" para a Hungria se obtêm mediante apresentação do passaporte e da credencial fornecida pela Associação Brasileira de Juristas Democratas ou pela "Paulista, aos consulados da Hungria no Rio ou em São Paulo.

Os congressistas devem avisar de sua partida a Associação de Juristas Húngaros: Szemere Uta, 10, Budapest, V, para reserva de aposentos e intérpretes, indicando o meio de transporte utilizado e a data de chegada.

Mais informações com o deputado Max da Costa Santos, tel.: 25-5875; doutor Oay Fonseca, telefone: 25-6571; Dr. Osny Duarte Pereira, tel.: 38-9651, no Rio. E em São Paulo, com o dr. Aldo Lins e Silva, telefone: 36-2149.

SODRÉ DÁ CURSO DE HISTÓRIA NA ABI

Numa iniciativa do Centro de Estudo e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional será realizado, a partir do dia 2 de março, um curso de História do Brasil, com seis aulas do professor Nelson Werneck Sodré. As inscrições dos interessados podem ser feitas mediante o pagamento de uma taxa de mil cruzeiros, na sede do CEDPEN (Avenida Nilo Peçanha, 12, sala 426) ou ainda na ABI, onde será ministrado o curso, que constará de duas aulas semanais

— às segundas e quintas — com início às 20.30 horas. As aulas, que abrangerão todo o Brasil, estão assim divididas: do Brasil estão assim divididas:

1. A colonização e as formas pré-capitalistas do capital.
2. A etapa escravista e as áreas feudais.
3. O processo da independência.
4. Regressão feudal e acumulação exportadora.
5. Formação da burguesia.
6. A revolução brasileira.

II Congresso Latino-Americano de Juventudes

Delegação Brasileira Leva ao Chile Saudação de Jango

O II Congresso Latino-Americano de Juventudes, de 9 a 14 de março próximo, em Santiago do Chile, tem por finalidade reunir os jovens operários, estudantes e camponeses, da América Latina, para uma discussão profunda e ampla sobre os problemas próprios da juventude, além de outras importantes questões: da Paz Mundial e dos entraves de ordem econômica, social e cultural, ao processo de libertação total de nossos países.

Delegação Brasileira

No Brasil, a preparação do concluído está a cargo do Comitê Organizador Pró-II CLAJ, integrado por entidades representativas de estudantes — UNE, UBES, UNETI — setores juvenis de sindicatos, tais como Sindicato da Leopoldina, Associação dos Servidores Públicos da E.F.C.B., Sindicato dos Aeronautas, Sindicato dos Bancários, Federação Nacional dos Servidores Públicos e outros, organizações camponesas e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas.

A delegação brasileira será composta de representantes de todas as entidades que fazem parte do Comitê Brasileiro Pró-II CLAJ, e terá cerca de 40 delegados.

Temário

Três pontos principais do temário — análise da situação da América Latina;

Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS

CURSO DE LINGUA RUSSA

Matriculas abertas para novas turmas que terão início no mês de março.

Informações: Avenida Franklin Roosevelt, 194 — Grupo 304 — Telefone: 22-3546.

análise da situação política; o mundo contemporâneo e a juventude — esgotam a finalidade do Congresso, abordando os problemas econômicos, sociais e culturais latino-americanos e as condições da penetração imperialista nas condições de vida da juventude, a luta da juventude da América Latina contra o imperialismo e seus aliados, e pela autodeterminação e a não-intervenção, e a posição dos jovens ante a realidade do mundo atual.

Mensagens de Apoio

Transcrevemos a seguir as mensagens de apoio do presidente da República e do Ministro da Educação e Cultura, dr. Júlio Sambuquy, ao II Congresso Latino-Americano de Juventudes.

"Ao II Congresso Latino-Americano de Juventudes. Na oportunidade de inauguração do II Congresso Latino-Americano de Juventudes, tenho a grata satisfação de enviar aos representantes dos diversos países reunidos em Santiago, minha calorosa saudação e os votos de completo êxito.

Estou certo de que, esse encontro de jovens trabalhadores e estudantes será extremamente proveitoso ao bom entendimento entre os povos latino-americanos. A participação da juventude nas lutas pela independência econômica e política da América Latina é parte de nossas melhores tradições democráticas.

A discussão dos problemas e reivindicações comuns à juventude dos países latino-americanos, ligados por laços sentimentais, culturais e políticos, é útil e necessária, no sentido de proporcionar à geração atual as condições de organização imprescindíveis ao cumprimento de sua gloriosa missão histórica, na luta pela emancipação econômica de nossos países.

A juventude chilena, de cuja recepção cariñosa, quando de minha visita a essa grande Nação irmã, guardo as mais gratas recordações, um abraço muito amigo.

a) João Goulart
Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1964.

"AO II CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE JUVENTUDES"

Na oportunidade em que os moços se reúnem no Chile, para a realização, nesse país amigo, do II Congresso Latino-Americano de Juventudes, endereçolhes, com a veemência de minha sinceridade e a insuspeição de quem encanecou no serviço do Ministério dos Moços, estas palavras de idealismo inextinguível e de crença na alma varonil da mocidade.

Os dias conturbados em que vivemos, as perplexidades em que nos encontramos, em face de avolumadas dificuldades da vida social, não nos devem estreitar o horizonte de modo que não experimentemos a angústia dos problemas que nos afligem.

Cabe aos jovens nos arroubos de seu idealismo benzefejoso e na intrepidez de seu desassombro, partirem na arrancada da busca da emancipação econômica, de que foram pioneiros e arautos. Bolívar, Juarez, Getúlio Vargas e tantos outros representativos da altivez dos filhos deste continente.

a) Julio Furquim Sambuquy
Ministro de Estado para Negócios da Educação e Cultura"

Em Maio: II Conferência Internacional Das Trabalhadoras

A mulher trabalhadora brasileira encontra-se em intensos preparativos, escolhendo suas delegadas, com vistas à II Conferência Sindical Internacional sobre os problemas das Trabalhadoras, a realizar-se de 11 a 16 de maio vindouro em Bucareste, capital da República Popular da Romênia.

A I Conferência foi celebrada há 7 anos, e a de agora visa a dar um balanço nas atividades e conquistas do movimento dos trabalhadores durante todo esse tempo, principalmente no que respeita às mulheres trabalhadoras, pois que, tendo as mesmas aspirações e reivindicações econômicas e sociais da classe operária, apresentam reivindicações específicas resultantes da sua condição de mulher e mãe.

Preparação no Brasil

A participação de delegação brasileira no concluído internacional, recebeu pleno apoio da I Conferência Nacional de Trabalhadoras, realizada há cerca de um ano em São Paulo. As

mulheres que tomam parte no movimento sindical, resolveram constituir conselhos sindicais integrados por todos os Departamentos femininos e pelas diretorias dos sindicatos das principais categorias.

Um Secretariado Nacional integrado por representantes da Guanabara, São Paulo e Minas Gerais, vem coordenando os trabalhos promovidos em função da II Conferência Internacional, constantes de reuniões específicas dos diferentes setores a fim de que cada um apresente as reivindicações que lhes são próprias.

Em São Paulo, as principais dessas reuniões foram realizadas nos setores têxtil, bancário e químico. A comissão coordenadora em Minas Gerais, que funciona no Sindicato dos Bancários, promoveu importantes encontros de bancárias e têxteis. Na Guanabara, que já tem eleitas suas duas delegadas, os encontros tiveram lugar no Sindicato dos Têxteis. O Sindicato das Costureiras e o de mais ativa participação dos trabalhos de coordenação no Rio Grande do Sul.

Durante essa atividade de preparação da II Conferência, muitos departamentos femininos passaram a ter uma maior atuação em função do concluído.

Em São Paulo

A delegação brasileira será constituída de 10 representantes, quatro das quais pelo Estado de São Paulo — o de maior representação — onde os trabalhos preparatórios foram descentralizados para melhor eficácia, em vista da densidade e diversidade do operariado daquele Estado. As demais delegadas sairão dos Estados: Guanabara, Minas Gerais, Estado do Rio, Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco.

O movimento operário da Baixada Santista, um dos mais bem organizados do País, terá na representação paulista uma delegada sua. As delegadas serão escolhidas entre trabalhadoras que atuem de fato no movimento sindical, não prevalecendo de modo algum o fato de poder ou não constar a sua própria passagem de contribuições finan-

Aposentadoria Aos 25

O principal ponto que vem sendo levantado nas reuniões preparatórias e está unificando as trabalhadoras é o da aposentadoria aos 25 anos de serviço.

O movimento sindical está realizando uma ampla campanha em torno dessa reivindicação das trabalhadoras. A respeito, já existem na Câmara Federal 5 projetos, que estão sendo objeto de cuidadoso estudo por parte dos sindicatos. Uma comissão feminina se acha em vias de constituir-se em São Paulo, para ir a Brasília reivindicar o benefício, e no mesmo sentido já se colheram cerca de 5 mil assinaturas só no setor têxtil.

Como Ajudar

Dos preparativos com vistas à Conferência de Bucareste podem participar não apenas as mulheres trabalhadoras, mas todas as pessoas que o desejarem, através de contribuições finan-

ceiras, de "souvenirs" para serem ofertados às delegadas de outros países, e de teses e sugestões sobre os direitos da mulher.

Apelo

A Carta de Princípios a ser discutida e aprovada na Conferência de Bucareste está sendo enviada a todos os sindicatos, para que a estudem e apresentem suas sugestões. O Secretariado Nacional apela para que as comissões organizadas nos diversos Estados enviem imediatamente sua correspondência sobre o que por elas vem sendo feito para o seguinte endereço, ao qual também deve ser destinada toda ajuda e sugestão:

Conselho Intersindical da Mulher Trabalhadora
Rua São Bento, 405, 7.º andar — São Paulo.

Carta de Princípios

Os debates da II Conferência Sindical Internacional sobre os problemas das Trabalhadoras girarão em torno de um projeto de Carta de Princípios sobre os direitos econômicos e so-

ciais da mulher trabalhadora, cujos itens determinam uma política a ser levada à prática contra as numerosas dificuldades e discriminações que as trabalhadoras enfrentam nos países capitalistas e nos colonizados.

O projeto que engloba as reivindicações fundamentais comuns às mulheres de todas as profissões, da cidade e do campo, compreendendo as trabalhadoras domésticas e levando em consideração as condições específicas de cada país, consta de sete itens, quais sejam: direito ao trabalho; remuneração; formação profissional; duração do trabalho; previdência social; proteção à mulher e à criança; e participação nas atividades sindicais.

O projeto defende que "a participação ativa das trabalhadoras na vida, no movimento e nas lutas sindicais, assim como sua promoção aos órgãos dirigentes dos sindicatos, contribuirá eficazmente para a conquista, defesa e extensão dos direitos econômicos e sociais das trabalhadoras e de toda a classe operária".

A VERDADE AO ALCANCE DE TODOS

COLEÇÃO "REPORTAGEM" Do Centro Popular de Cultura da U.N.E

- 1 — Como o Brasil Ajuda os E.U.A. — De Arnaldo Ramos
- 2 — A Terceira Guerra — De Lúcio Machado
- 3 — Em Agosto, Getúlio Ficou Só — De Almir Matos
- 4 — Inflação, Arma dos Ricos — De Fausto Cupertino

Preço por exemplar: Cr\$ 400,00
Pedidos pelo reembolso postal à EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.
Rua Leandro Martins, 74 — 1.º andar
Rio de Janeiro — Gb

Salário e Liberdade Destroem a Ordem Feudal em Pernambuco

Reportagem de José Almeida
(Última de uma série de três)

Terra ou salários? Qual a aspiração do homem que lava as terras da faixa limítima de Pernambuco — e, por extensão, do Nordeste açucareiro? Pretende ele alcançar uma vida melhor, progredir, ter acesso à cultura e às conquistas da civilização pela obtenção de salários mais altos e de outras reivindicações? Ou, diferentemente, seu anseio por uma vida melhor está vinculado ao desejo de possuir um pedaço de terra para ser plantado por ele próprio e sua família? Em outras palavras, a questão que se apresenta, é saber se a mentalidade dominante na massa fundamental dos trabalhadores rurais é a do operário agrícola — que, como o operário urbano, gosta de seu além da força-de-trabalho para vender — ou é a do pequeno proprietário, que se insere entre as camadas da pequena burguesia no campo.

Galiléia

Vistamos, um mês atrás, a sede das ligas camponesas em Vitória de Santo Antão. Na assembleia que então se realizou, procedia-se à eleição de um dos organismos dirigentes, em clima de grande interesse por parte dos camponeses presentes. Em conversa com um dos líderes do movimento, notamos a ênfase com que era feita a reivindicação de terra para os camponeses, nos termos mais genéricos.

A poucos quilômetros da cidade de Vitória acha-se o famoso engenho da Galiléia onde teve início o movimento das ligas de Julho. Como é sabido, durante o governo do sr. Cid Bampaio, depois de diversas tentativas de desalojar os lavradores pela força, inclusive com a presença permanente de soldados da Polícia Militar que logo foram conquistados pelos camponeses e, por isso, substituídos a certos intervalos, as terras do engenho foram desapropriadas pelo Estado. Já no governo de Arraes, atendendo à reivindicação dos lavradores, a Companhia de Revenda e Colonização loteou-as e entregou-as a 164 famílias camponesas, que por elas nada pagaram e, segundo me declararam, nada irão pagar.

Diversos progressos foram introduzidos pelos camponeses no engenho, entre eles a instalação de uma escola, assistência dentária, estímulo a atividades artesanais, etc. Entretanto, os tipos de cultura continuaram os mesmos que antes: bananas, hortaliças, milho, feijão, mandioca. Não se trata, portanto, de um engenho produtor de cana-de-açúcar, diferentemente dos que o cercam. Anteriormente, os moradores do engenho pagavam ao dono de terra um elevado arrendamento e estavam submetidos, como em toda parte, às exigências do senhor de engenho. Agora, não têm despesa alguma desse tipo.

Na visita que fiz a Galiléia, na casa onde funciona a sede da liga camponesa local, perguntei aos novos proprietários se estavam eles em melhores condições que antes. Responderam-me que sim. Pedi-lhes, então, que me dissessem se a sua situação era melhor ou pior do que a dos seus companheiros que trabalham como assalariados nos engenhos de cana-de-açúcar das redondezas, percebendo o salário mínimo de 906 cruzeiros por dia. Neu-

ze mais de uma resposta. Zé da Galiléia, um velho simpático e dos líderes mais antigos do movimento, disse que era difícil comparar que todos estavam bem, mas como eu insistia na indicação, respondeu com outra pergunta:

— E se nós não plantarmos essas coisas, como é que o povo do Recife vai comer?

O argumento, aparentemente definitivo, fugia, entretanto, ao objetivo da minha pergunta. Foi quando um caboclo alto e forte, que se sobressaía no grupo, disse para que todos ouvíssem:

O Drama de d. Neuzo

D. Neuzo é proprietária de um engenho nas excelentes terras do município de Água Preta, próximo a usina Santa Terezinha, dos Pesos de Queiros. Engenho Caçarea se chama, e já é uma grande propriedade: cerca de 600 hectares. Seu marido, dentista, trabalhou durante 18 anos no serviço público federal e há dois anos resolveu deixar tudo para dedicar-se exclusivamente à agricultura. Desde o ano passado, por motivos de saúde, teve de afastar-se de qualquer atividade, daí d. Neuzo ter assumido a frente dos negócios. O engenho Caçarea faz parte dos 30% de propriedades onde se cultivava a cana e que não pertencem às usinas. Essa é a primeira e permanente ameaça que pesa sobre o engenho. Como a cobra à espreita do passarinho, a usina Santa Terezinha, que tem terras em Alagoas, sabe que mais dia, menos dia, o engenho entrará em seus domínios. Os donos do engenho, é claro, também apresentam o perigo. Por isso, nunca se arriscaram a plantar com cana uma área maior do que um quarto do engenho. No restante, sempre plantaram outras culturas: mandioca, banana, etc. Este ano, porém, o preço pago pela usina — da qual o engenho é fornecedor — não cobre as despesas feitas com o plantio da cana, entre as quais figura um financiamento do Banco do Brasil. Além disso, aos atuais preços de mercado, diz a proprietária não poder pagar aos seus moradores o salário mínimo de 906 cruzeiros para que colham a mandioca, a banana e demais culturas.

Para ela, o maior receio é de que a dívida ao Banco do Brasil venha a vencer-se e, sem recursos para saldá-la, a propriedade seja levada à leilão e arrematada pela usina a preço vil. D. Neuzo, ante esse desfecho que para ela é fatal, já tentou mesmo vender o engenho à usina, que se mostra, contudo, desinteressada. A espera de melhor oportunidade. Já ofereceu a propriedade a outros compradores, sem êxito. Está disposta a vender o engenho aos seus moradores, ou arrendar-lhes, mas estes dizem que não estão interessados. De fato, trabalhando na lavoura de cana dos engenhos vizinhos eles percebem 906 cruzeiros por dia. O resultado é que o tempo está passando e a mandioca continua enterrada no chão.

Mesmo as relações entre os proprietários e os moradores do engenho Caçarea, a julgar por informações de d. Neuzo, não são boas. Declarou que os trabalhadores entregam-lhe parte do salário ganho e que conseguem poupar, a fim de que ela abra para eles contas bancárias.

O drama dos proprietários de engenhos Caçarea não é fato excepcional na Zona da Mata. O desenvolvimento econômico, com suas leis inexoráveis, vai eliminando aquilo que o sr. Roberto Campos chamou de moldes sociais obsoletos. Vai suprimindo velhas estruturas e anacrônicas relações de produção no campo e impondo novas exigências. Em Pernambuco, penso eu, passou para sempre o tempo em que sempre surgiam e eram solucionados apenas para uma das partes — os possuidores — enquanto para a massa trabalhadora, que tudo produz, a miséria permanecia invariável.

Solários em Vez de Terras

Dois são, pois, as razões econômicas básicas que parecem indicar ser a luta por melhores salários e outas reivindicações tipicamente proletárias e não a luta pela posse da terra o motor do desenvolvimento social na faixa limítima do Nordeste. Uma é o caráter de escala da lavoura canavieira, que exclui em qualquer parte o regime da pequena propriedade. A outra é que, dados os baixos ritmos de avanço da produtividade na agricultura — em comparação com a indústria — as lavouras de subsistência tornar-se-ão economicamente marginais, a menos que venha a ocorrer, o que é improvável, a falência da agroindústria açucareira nordestina em face da concorrência do Sul do país, mesmo quando das terras do Paraná começarem a sair 90 toneladas de cana por hectare.

O Salário de 906 Cruzeiros

Terrível demolitão da velha ordem econômica nos campos de cana-de-açúcar é o salário de 906 cruzeiros por dia. Sucede que, escurada num poder político profundamente antipopular, a economia açucareira em Pernambuco vinha conseguindo manter-se graças a uma série de favores e privilégios. No setor agrícola, enquanto os canaviais de S. Paulo apresentam um rendimento médio superior a 80 toneladas de cana por hectare, em Pernambuco o número correspondente é de 37-38 toneladas, inferior, pois, em 40%. No setor industrial, da transformação da cana em açúcar, caracterizam-se as usinas pelo seu alto grau de obsolescência. Num caso e no outro, sobrevivia graças ao fácil acesso aos cofres do Banco do Brasil, ao domínio do Instituto do Açúcar e do Alcool e, principalmente, à mais negra exploração da mão de obra. Convinha repetir que até um ano atrás um trabalhador rural da lavoura canavieira percebia em Pernambuco no máximo 8 mil cruzeiros por mês. Certamente, os cofres do Banco do Brasil continuariam abertos por mais algum tempo e o IAA ainda permanecerá em mãos dos usineiros do Nordeste. Mas, desta vez, o ataque veio de dentro: um fator decisivo da produção como a mão-de-obra, passou a fazer sentir sua presença. No momento e talvez por alguns anos, talvez, a recuperação dos preços internacionais do açúcar possa absorver as melhorias da cultura, inclusive da mão-de-obra. Mas, seria uma atitude suicida, esperar a eternização de uma situação aliatória.

Concretamente: o despertar da massa trabalhadora é o agulhão que vai impelir a lavoura e a indústria do açúcar no Nordeste a modernizar-se para sobreviver. E ainda esse despertar que vai determinar a elevação da produtividade na lavoura canavieira, que vai diversificar as culturas de subsistência e industriais, que vai jogar uma pá de cal nos métodos seculares de exploração da terra e sepultar relações de produção ainda tão semelhantes às do início da colonização.

E, principalmente, o aparecimento de um verdadeiro regime de salário que vai condicionar — e já está condicionando — os objetivos conscientemente formulados da luta das massas rurais na faixa açucareira de Pernambuco e, mais cedo ou mais tarde, de todo o Nordeste.

Muita Luta Pela Frente

Cometeria enorme equívoco quem supusesse já se haver consumado a transformação completa na Zona da Mata pernambucana e que, de agora em diante, a luta dos trabalhadores seria menos áspera. É certo que alguns usineiros e senhores de engenho aprenderam muita coisa neste primeiro ano do primeiro governo popular em Pernambuco. Mas, é raro aquele que não alimenta a esperança de ver uma reviravolta na situação.

A esmagadora maioria deles, que nasceu, creceu e se criou embebiado por privilégios seculares, vendo nos trabalhadores apenas máquinas para lhes dar riquezas, pouco mais do que instrumentos falantes a quem sempre se habituou a gastar e gastar e depois recorrer às burras do Poder Público para ser reconduzida a uma situação dourada, para essa maioria é simplesmente intolerável o que acontece em Pernambuco. Resiste à aceitação das conquistas obtidas pelos trabalhadores; resiste a cumprir o que foi acordado; resiste a ver com outros olhos, a ver como pessoas humanas, os trabalhadores; e quando cede, por absoluta falta de alternativa, procura por todos os meios e modos anular o que os trabalhadores conquistaram. Muita água passará ainda

Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará

Tiriri, no município de Gago, com a ativa assistência da SUDENE. Está longe de haver unanimidade em torno do acerto da criação dessa cooperativa. A objeção mais séria que ouvi é feita por Davi Capistrano, líder comunista em Pernambuco. Argumenta ele: para a formação da cooperativa, os camponeses tiveram que renunciar à sua condição de assalariados rurais e, ao mesmo tempo, às indenizações a que faziam jus, em caso de demissão, como quaisquer outros empregados. O montante dessas indenizações, no momento da formação da cooperativa, foi estimado entre 80 e 100 milhões de cruzeiros, débito potencial que deixou de existir para o dono das terras. Em segundo lugar para manter-se a cooperativa tem exigido da SUDENE recursos bastante elevados, pelo os de que necessitava o proprietário das terras quando as explorava diretamente, e não haveria dinheiro bastante para iniciativas semelhantes em toda a Zona da Mata. Por fim, como prova de que a cooperativa é uma solução trazida de fora para dentro da massa trabalhadora, sem correspondência com o seu nível de consciência e seu desenvolvimento intelectual, Davi Capistrano apresenta o fato de que na greve geral de novembro os cooperativados de Tiriri comportaram-se como os demais trabalhadores rurais e também fizeram a greve por melhores salários. Paradoxalmente, entraram em greve contra eles próprios, era a menos teoricamente, era a cooperativa, isto é, eles mesmos que tinha de pagar o aumento de salários conquistado.

Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará

uma solução definitiva tanto mais rápida quanto mais incapazes se mostrarem os usineiros de dar às suas terras uma utilização em consonância com as exigências econômicas e com o interesse social.

No Agreste e no Sertão, repetimos, o quadro é bem diferente e, conseqüentemente, outras as soluções a serem buscadas.

Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará

debaixo das pontes do Recife antes de que os usineiros e senhores de engenho venham a aceitar as relações de trabalho normais do regime do salário.

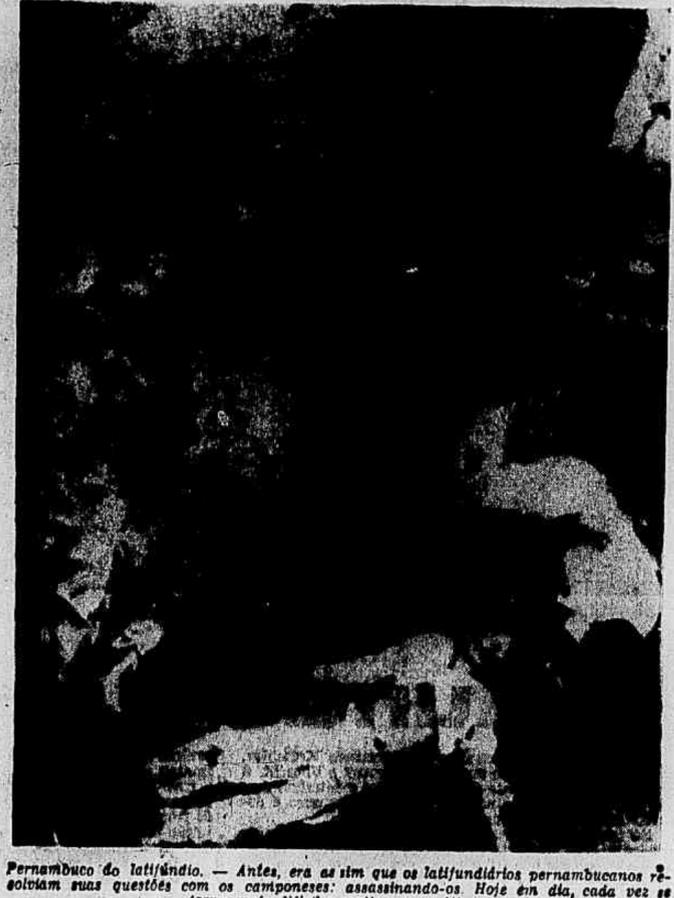
Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará

Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará

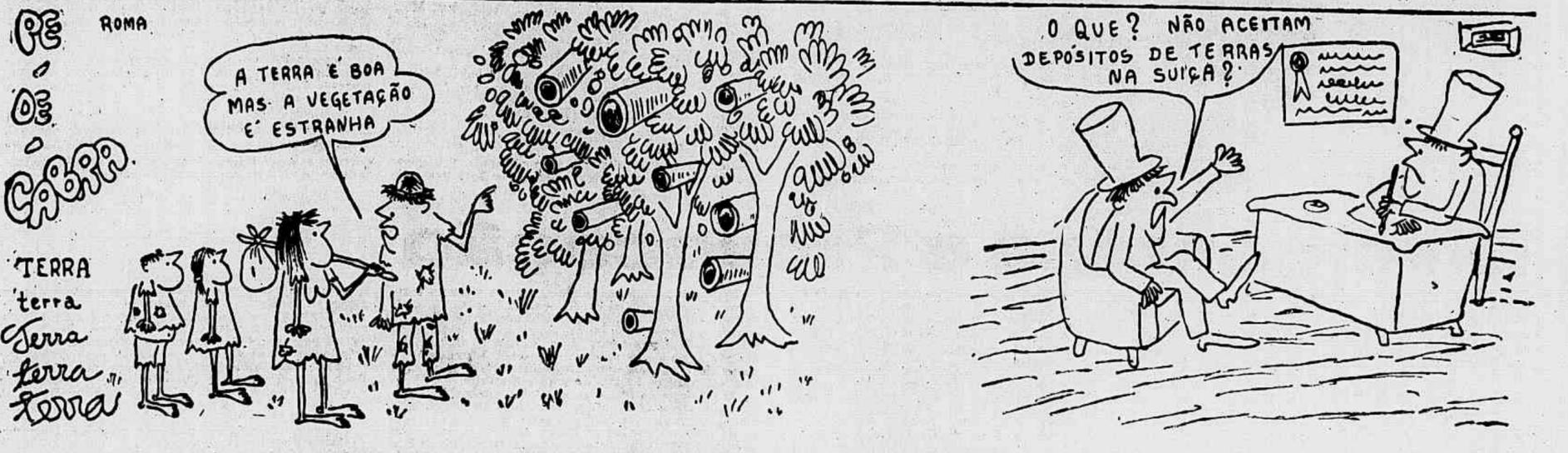
exploração feita por advogados do governo, a divulgação de notícias exageradas, principalmente em jornais do Sul, de mentiras, etc.

Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará

Assim, o problema da forma que assumirá a propriedade rural na Zona da Mata está colocado. E reclamará



Pernambuco do latifúndio. — Antes, era assim que os latifundiários pernambucanos resolviam suas questões com os camponeses: assassinando-os. Hoje em dia, cada vez se torna mais difícil repetir essa prática.



PRESTES NA URSS

O camarada Luiz Carlos Prestes retornou na semana passada da União Soviética, para onde viajou em companhia de sua esposa e com dois dirigentes do PCUS. Durante sua estada na União, visitou também a Tchecoslováquia e a República Democrática Alemã, conferenciando nessas partes com os presidentes Novotny e Ulbricht. Durante sua permanência na URSS manteve uma prolongada conversação com o primeiro-ministro Nikita Krushchov, foi recebido pelos dirigentes do PCUS e visitou algumas regiões do país.

Sobre a sua viagem e os contatos que manteve com os mais altos dirigentes dos países socialistas que visitou, é esta entrevista concedida a NOVO DIÁRIO.

Vendo o Progresso

Chegar a Moscou é constatar imediatamente o que é o continuado progresso do país do socialismo. Este na capital soviética em 50, 60, 61 e, de passagem, em março do ano passado. São passados, portanto, menos de dez meses e, apesar disso, nota-se imediatamente os grandes progressos da cidade, que cresce e assume proporções cada vez mais monumentais. Bairros novos surgem mensalmente em Moscou. Grandes avenidas fartamente iluminadas e transportes em abundância avançam para os novos bairros que vão surgindo na periferia da cidade. Conheci, na minha última viagem, a última estação do metrô na linha que serve o bairro da Universidade Lomonosov. Hoje, essa estação ficou para trás, o metrô avançou.

É tes sinais evidentes de progresso e desenvolvimento verificam-se, para desdém do que no Ocidente procuram apresentar uma visão deformada da economia do país socialista, em todos os setores da atividade na URSS e em ritmos jamais alcançados por qualquer país capitalista.

A Batalha da Moradia

A preocupação do governo soviético em resolver o problema da habitação o mais rapidamente possível causa viva admiração, inclusive a quem conhece de perto os esforços nesse sentido.

Só no ano passado foram entregues ao povo 77 milhões de metros quadrados de superfície habitável, o que significa que dois milhões de apartamentos novos e confortáveis foram entregues aos trabalhadores do país soviético. Além disso, em toda a União Soviética, as cooperativas construíram 1.800.000 metros quadrados de residências. Nessas condições, só durante o ano de 1963, onze milhões de pessoas receberam novos apartamentos, além de milhões de outras que tiveram melhoradas as suas condições de residência.

Para quem conhece o que são as dificuldades de moradia em países como o nosso, não pode deixar de causar admiração o grandioso esforço realizado pelo governo soviético para vencer as imensas dificuldades decorrentes das destruições causadas pela segunda guerra mundial. Nos últimos dez anos, foram construídos e entregues ao povo 17 milhões de novos apartamentos e seis milhões de moradias. Durante esse período 108 milhões de pessoas passaram a habitar novas residências ou melhoraram suas condições de moradia. Cifra colossal, que representa quase que a metade da população da URSS.

A Virota no Campo

Dificuldades de ordem climática levaram, no ano passado, a uma baixa de aproximadamente 20% na produção de cereais soviéticos. Este fato vem sendo explorado pela imprensa reacionária em nosso país, notadamente o "Estado de São Paulo", que procura descobrir nesse fato uma crise insanável na agricultura da URSS, gerada pelo próprio caráter e organização deste setor da economia socialista. Na realidade, exageram e deformam os fatos, chegando a mentir deslavadamente para justificar as teses reacionárias que defendem.

Não resta dúvida de que o país soviético sofreu no ano passado os efeitos de condições climáticas duras, que reduziram como já disse em quase 20% a produção de cereais. É certo que em algumas regiões, como a de Volgogrado, que tive ocasião de visitar, foi suspensa durante um certo período a venda de pão branco. Mas, este não falta nos hospitais, nas escolas e nas creches.

Entretanto, se em relação a este capítulo da produção agropecuária houve baixa, nos outros isto não se verificou. A produção de algodão, por exemplo, registrou em 1963 índices notabilíssimos. No setor da pecuária, idem. Elevou-se a produção de carne e laticínios, ocorrendo o mesmo em relação a outros artigos de consumo.

Assim, é ridículo falar-se em crise na URSS. Somente nos últimos dez anos a produção industrial aumentou de 128%. Isto é, mais de duas vezes, enquanto que nos Estados Unidos a elevação no mesmo período foi de apenas 15%.

Ainda em relação à agricultura, deve-se destacar o esforço que o governo soviético vem realizando para modificar, substituir a sua agricultura ainda extensiva por uma agricultura intensiva. Em suas últimas reuniões o Comitê Central do PCUS examinou e discutiu medidas tendo em vista enfrentar o problema, adotando resoluções importantíssimas a respeito da intensificação da produção da indústria química, notadamente fertilizantes e inseticidas, para assegurar um nível técnico mais alto à agricultura soviética.

Durante minha palestra com o camarada Krushchov, este, referindo-se à situação econômica na URSS, declarou que agora os soviéticos já dispõem de uma indústria bastante poderosa e suficiente para garantir a defesa nacional. E que, em virtude disso, cessa a contradição entre aquilo que os marxistas desde Marx denominam grupo A e B na economia: o grupo A, da produção de bens de produção, e o grupo B, de produção de bens de consumo. Fazendo agora para desenvolver o grupo B — acentuou Krushchov — apolaremos o próprio desenvolvimento do grupo A, que dá maiores lucros e permite aumentar as inversões. Antes, tanto no tempo de Lênin como no de Stálin, tentávamos dar maior desenvolvimento ao grupo B prejudicando o grupo A.

Plano Ultrapassado

Quem visita a URSS tem a impressão de que todo o mundo estuda. Segundo os dados estatísticos que procurei, 63 milhões de pessoas — uma terça parte da população, estudam. Realizam os mais diversos cursos. No ano passado saíram das escolas superiores 330 mil especialistas, dos quais 125 mil engenheiros.

O ambiente é de otimismo na URSS, de alegria. As ruas estão sempre cheias. Os comércios são de difícil acesso, tal a capacidade de consumo das grandes massas populares. Isto é particularmente visível em Moscou.

Esta situação é determinada, entre outras coisas, pelo êxito com que vem sendo cumprido o plano setenal. O ano de 1963 foi o quinto desse plano, e marcou um aumento de 58% na produção global — mais 7% do que estava previsto.

A Cidade Heróica

Tive ocasião de visitar, como já disse, a cidade de Volgogrado, a antiga e heróica Stalingrado. Lá estava, no dia 12 de fevereiro, quando da comemoração do 22.º aniversário da repulsa das tropas nazistas sob o comando de Von Paulus. E foi com ênfase que em nome dos comunistas brasileiros tive oportunidade, junto com todo o povo da cidade, de colocar uma palma de flores no túmulo dos

heróis que tomaram em defesa da civilização. Daqueles heróis que proporcionaram a grande virada de 42, quando cessou a ofensiva nazista e foi iniciada a marcha sobre Berlim.

A cidade de Stalingrado, hoje Volgogrado, foi inteiramente arrasada pelos bandidos nazistas. Hoje, no entanto, sobre as ruínas está construída uma nova cidade.

Em Volgogrado, tive ocasião de visitar a grande fábrica "Outubro Vermelho", a antiga fábrica de tratores, hoje uma grande usina siderúrgica. Como disse, a cidade foi destruída na guerra. Entretanto, em 1963, a produção industrial já era sete vezes superior à produção de antes da guerra. A área construída da cidade, que em 1941 era de um milhão de metros quadrados, em 1962 alcançava quatro milhões. O número de escolas cresce e os institutos culturais e de pesquisa científica são numerosos. Quanto à fábrica "Outubro Vermelho", o que mais me impressionou foi o nível cultural dos seus trabalhadores. Todos os fundidores e laminadores daquela empresa são homens que têm o curso técnico superior ou pelo menos, o curso secundário. É uma grande usina, que produz um milhão e meio de toneladas de aço e um milhão e cem mil toneladas de laminados. No primeiro plano quinquenal era uma fábrica de tratores, hoje possui fornos Martin para a produção de aço e trens de laminação moderníssimos.

Quanto à situação social dos trabalhadores da usina, verifica-se que gozam de todas as regalias proporcionadas pela legislação: férias remuneradas de 30 dias, sanatórios e casas de repouso, acampamento de pioneiros para quatro mil crianças, 11 jardins de infância e creches. As moradias dos operários são construídas pelo Estado e pela fábrica. Somente nos últimos seis anos a fábrica já construiu 60 mil metros quadrados de residências e 2.000 apartamentos.

No terreno da educação, verifica-se um grande esforço para melhorar ainda mais o nível cultural dos trabalhadores. A fábrica possui uma escola técnica para 1.200 alunos. Disse-me o diretor da "Outubro Vermelho" que a fábrica dá um dia por semana para o estudo coletivo dos trabalhadores. Isto prejudica, mas a decisão é do coletivo, que considera necessário.



Luiz Carlos Prestes deposita flores no monumento aos heróis defensores de Stalingrado.

O Brasil e o Mundo

A minha visita aos países socialistas mostrou o enorme interesse que existe naqueles países pela América Latina e pelo Brasil particularmente. São numerosos os estudiosos e economistas, sociólogos e historiadores que estudam os problemas da América Latina e preocupam-se com a evolução do nosso continente.

Mas, parece-me que pelo Brasil há um interesse todo especial. Certamente, ditado pela importância de nosso país, pela sua extensão e população, pelo seu desenvolvimento econômico, todos que acompanham os acontecimentos na América Latina compreendem que a palavra definitiva, aquela que vai contribuir para libertar todo o nosso continente da dominação e da exploração dos monopólios norte-americanos está entregue ao povo brasileiro.

O interesse é de tal natureza, que numerosas instituições (escolas de professores, academias, institutos) pediram, quase que exigiram que eu fizesse palestras e conferências. Era com emoção que me dirigia a auditórios de 600, 800, 1.000 e 1.200 pessoas, como na escola do Partido Comunista em Berlim e na escola de professores em Moscou. Falei, não só informando sobre a luta de nosso povo, a atividade de nosso partido, como respondendo a inúmeras perguntas que revelavam interesse pelas questões econômicas e sociais de nosso país.

Além disso, tanto na URSS como nos demais países que visitei, tive ocasião de palestrar com os seus principais dirigentes.

Tive uma longa conversa com o camarada Krushchov, fui recebido também pelo presidente Novotny e Ulbricht, e de se assinalar igualmente nesses encontros o interesse manifestado em relação ao nosso país, ao seu progresso e desenvolvimento, às lutas de nosso povo.

Há também um aplauso unânime à política externa do presidente João Goulart. Todos veem no governo atual do Brasil um governo que toma posição positiva quanto à luta pela paz. E exaltada a posição do governo brasileiro ao colocar-se em favor da autodeterminação do povo cubano e contra qualquer intervenção militar em Cuba. A atividade da delegação brasileira em Genebra, presidida pelo deputado e embaixador José de Castro, é também bastante apreciada.

A Situação Internacional

É claro que nestes contatos com dirigentes políticos de tão grande responsabilidade, discutimos a situação internacional.

Nesse terreno, ressaltamos a importância do acordo de Moscou sobre a proibição de provas nucleares na atmosfera, no cosmos e sob as águas. E de se notar que foi o Brasil o primeiro signatário do tratado, depois das três grandes potências.

Outro problema internacional que mereceu a nossa atenção nesses encontros, foi a proposta apresentada pelo

governo soviético visando à solução pacífica dos conflitos fronteiriços. Em relação a isto, tive ocasião de mostrar qual a tradição brasileira, que está consagrada nas constituições de nosso país: a tradição de solução pacífica dos conflitos de fronteira e a consagração desse princípio na Constituição brasileira, que proíbe o Brasil de participar de qualquer guerra de agressão.

Ainda sobre a situação internacional, destaque-se a importância que se dá hoje, nos países socialistas, campeões da luta pela paz, à proposta apresentada pelo governo da República Democrática Alemã visando à desnuclearização das duas Alemanhas. Tive ocasião de palestra em Berlim com o vice-ministro do Exterior da RDA, que levou a referida proposta à conferência de Genebra. Manifestou ele a sua satisfação pela declaração inicial do embaixador José de Castro, embora, posteriormente, se revelassem algumas vacilações na posição da delegação brasileira. Será que foram provocadas por instruções do Itamarati?

A política reacionária e belicista da República Federal Alemã, fonte permanente do aguçamento da tensão internacional na Europa, precisa ser combatida e neutralizada. A proposta da República Democrática Alemã contribui grandemente para isso.

Ajuda Fraternal

Durante minha palestra com o camarada Krushchov, tive ocasião de debater longamente a questão relacionada

Com os Trabalhadores

Alguns dos trabalhadores da usina siderúrgica convidaram a mim e a minha companheira a visitarmos suas residências. Isto foi para nós uma grande satisfação. São residências de pequenos burgueses abatidos, com dois e três quartos, fogão a gás, geladeira, máquina de lavar roupa, televisão, enfim, com todo o conforto de um homem moderno.

Além disso, em Volgogrado tive ocasião de visitar a conhecida e gigantesca usina hidrelétrica de 2.200 kw. Apenas quatro homens são necessários para movimentar esta usina com 22 turbinas de 100.000 kw.

No Campo

Embora o tempo de que dispúnhamos fosse pequeno, visitamos o colégio "Vladimir Illich" e o sovco "Aurora do Comunismo", ambos nas proximidades de Moscou. O colégio "Vladimir Illich" resultou da reunião de 17 pequenos colégios da região. É uma usina de produção múltipla, colagem de frutas e legumes (que são tratados em estufas) e laticínios. A produção é em grande parte mecanizada, particularmente a de laticínios. O colégio, que possui 2.200 hectares, tem uma quantidade de máquinas impressionante, o que contribui para o seu elevado índice de produtividade. Este fato é de grande importância, já que o colégio desempenha papel importante na economia da cidade de Moscou. Abastece-a de frutas e legumes justamente na época do ano em que são mais raros. O método do cultivo em estufas assegura o abastecimento de frutas e legumes no inverno.

Existem no colégio quatro mil casas, todas elas dispostas em fileiras, mil e quinhentas dessas casas têm televisão. Quatro clubes, todas elas com instalações as mais diversas e uma grande casa de cultura animam a vida cultural da fazenda. Os colcoasos têm cinema quatro vezes por semana.

Quanto ao trabalho no colégio, os lucros são distribuídos entre os colcoasos. Mecânicos e tratoristas recebem salários que vão até 150 e 120 rublos. O salário médio ultrapassa cem rublos. Além disso, cada família tem o seu próprio terreno onde plantam o que desejam.

No terreno do colégio, e isto não pode deixar de causar admiração a um brasileiro, existem três hospitais e numerosos postos de socorro urgente, e quatro escolas, sendo que três com o curso de 10 anos.

Mas, o que sem dúvida alguma me impressionou foi a visita ao sovco "Aurora do Comunismo". Trata-se de uma verdadeira cidade industrial, com edifícios de 4 e 6 andares, um teatro de grandes proporções (só poucas as cidades em nosso país que possuem um teatro como aquele), cinema e biblioteca. A produção desse sovco apoia-se na mais elevada técnica, aperfeiçoada pelos próprios trabalhadores da empresa.

Tive ocasião de visitar o edifício onde são tratados e engradados 4.000 porcos. Um só homem, um operário engratado, dirige esse trabalho diante de um quadro de controle. Aberta um botão a em 20 segundos os eiqueiros estão limpos. O adubo, automaticamente, é transportado para o local onde será utilizado. A alimentação é permanente e o seu fornecimento também automatizado. Nestas condições, a produção de 100 quilos de carne de porco exige apenas 38 minutos de trabalho-homem, enquanto que a mesma quantidade técnica dos Estados Unidos exige 5 horas de trabalho-homem para a produção dos mesmos 100 quilos de carne de porco.

Estes são alguns dados rápidos sobre o que é o progresso e o avanço para o comunismo na URSS. A mesma impressão se tem na Tchecoslováquia e na Alemanha, países pelos quais passei rapidamente. A RDA possui hoje, indubitavelmente, o nível mais alto entre todos os países socialistas. Em Berlim, tive ocasião de visitar o muro, onde recebi numerosas informações sobre as atividades de provocação efetuadas a partir de Berlim Ocidental.

Como se sabe, no último Natal um milhão e duzentos mil berlinenses da parte ocidental pediram para visitar a parte oriental. Foi tal a pressão, que o prefeito de Berlim Ocidental viu-se obrigado a permitir a instalação nessa parte da cidade de escritórios da República Democrática Alemã que forneceram salvo-condutos.

Junto ao muro de Berlim, tive ocasião, em nome dos comunistas brasileiros, de depositar uma palma de flores em homenagem a um soldado da RDA assassinado pelos provocadores nazistas.

com a ajuda que a URSS vem dando a Cuba e, no geral, aos países subdesenvolvidos que lutam pela sua liberdade e emancipação.

O último acordo soviético-cubano, os entendimentos realizados pelos dois governos quando da recente visita do camarada Fidel Castro à URSS, não podem deixar de ser admirados por todos os povos que lutam pela sua emancipação nacional, notadamente por todos os povos da América Latina. É conhecida a enorme contribuição que o governo soviético vem dando à construção do socialismo em Cuba. O camarada Fidel Castro, falando na televisão em Moscou, reconheceu que a União Soviética estabeleceu um sistema de abastecimento de petróleo para Cuba que não falhou uma só vez, um só dia. Segundo suas palavras, a URSS tomou as medidas necessárias e pôde dispor de petroleiros "para que não nos faltasse e falte petróleo um só dia".

Agora, a URSS deu um passo adiante. Comprometeu-se a comprar açúcar cubano a preços compensadores, até 1970, passando de 2.500.000 toneladas, que compra atualmente, a 5 milhões em 1970.

Para qualquer governante, é claro que isto significa uma base sólida para toda a planificação da economia nacional. É um exemplo do que são as relações entre um imenso e poderoso país — a URSS — com a pequena Cuba, que é tratada em pé de igualdade pelo aliado socialista.

Divergências e Provocação

Nas conversações que mantive particularmente com o camarada Krushchov, abordamos o problema das divergências que existem hoje no movimento comunista internacional. Divergências entre os camaradas chineses e alguns outros partidos e o movimento comunista mundial no seu todo.

É claro que esse problema preocupa a todos nós. Os esforços dos camaradas soviéticos vêm sendo efetuados no sentido de resguardar a unidade. Desde setembro os camaradas soviéticos fazem tentativas para que cesse a polémica pública. Sou de opinião que essas tentativas podem vir a ter êxito.

No entanto, o que vem causando maior preocupação é o fato de que grupos de renegados do movimento comunista, inclusive trotskistas, procuram explorar essas diver-

gências para dividir o movimento comunista mundial e reativar uma atividade fracionista em numerosos países. Isto se dá não apenas aqui no Brasil, como na Austrália, Bélgica, Suíça e em alguns países da América Latina. São grupos sem nenhuma significação, que vivem unicamente da exploração dessas divergências.

Ao chegar a Moscou, soube que cidadãos soviéticos da Sibéria, que ouvem com mais facilidade a rádio de Pequim, revelaram-se admirados porque essa emissora transmitia documentos em nome de um Partido Comunista do Brasil, atacando o PCUS e insultando o camarada Krushchov. Isto se deve ao fato de que estes senhores do grupo fracionista utilizam o antigo e glorioso nome do Partido Comunista do Brasil para dizer que representam alguma coisa em nosso país. Daí, a necessidade que tivemos de explicar todo o processo que levou o movimento comunista brasileiro, por todos os que dele participam, a solicitar o registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, herdeiro, este sim, das tra-

dições marxista-leninistas que marcaram a presença combativa e heróica daquele partido na vida brasileira.

Ao terminar estas palavras desejo que conste nessa entrevista um desmentido formal à imprensa reacionária de nosso país, que, numa provocação evidente ao meu regresso dessa visita aos países do campo socialista, procurou envolver meu nome numa provocação a respeito do movimento pela legalidade do Partido Comunista Brasileiro.

O problema da legalidade do PCB é um problema que interessa exclusivamente aos comunistas brasileiros. Eles não necessitam para essa luta de procurar o apoio e o acórdio de qualquer governo socialista. Além disso, seria uma política externa da URSS e dos demais países socialistas apoiar-se por princípio na não intervenção nos assuntos internos de qualquer país. O problema da legalidade do Partido Comunista Brasileiro é um problema exclusivamente brasileiro, embora seja claro que a legalidade para o par-

tido dos comunistas seja um fato que não pode deixar de alegrar os comunistas do mundo inteiro.

Mes, essa luta pela legalidade, que a nós se afigura uma luta que se aproxima da vitória, é uma luta que — dependendo exclusivamente dos comunistas brasileiros — hoje, interessa não só a eles como a todos os democratas e patriotas que há no mundo. É o próprio presidente João Goulart que já nos sabe que a legalidade completa, isto é, o registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, é uma necessidade para a consolidação e a ampliação da democracia em nosso país.

Ao concluir, não posso deixar de referir-me à profunda impressão que causa uma palestra com o camarada Krushchov. É um homem inteligente e experientado, que coloca acima de tudo o respeito ao ser humano, a quem trata em pé de estrita igualdade. Seu espírito jovial e otimista inspira profunda confiança e um enorme sentimento de afeto e admiração.